

REGINA CÉLIA PINHEIRO DE MORAES

**JUNÇÃO DOS ADJETIVOS RESULTATIVOS PSICOLÓGICOS COM *-MENTE*
NA FORMAÇÃO DE ADVÉRBIO DE MODO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Estudos Lingüísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria José G. D. Foltran

CURITIBA

2006



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de dissertação da mestranda REGINA CELIA PINHEIRO DE MORAES para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados MARIA JOSÉ GNATTA DALCUCHE FOLTRAN, ROSSANA APARECIDA FINAU e MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA argüiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“JUNÇÃO DOS ADJETIVOS RESULTATIVOS COM –MENTE NA FORMAÇÃO DE ADVÉRBIO DE MODO”

Procedida a argüição segundo o protocolo que foi aprovada pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
MARIA JOSÉ G. D. FOLTRAN		Aprov.
ROSSANA APARECIDA FINAU		Aprov.
MAXIMILIANO G. MIRANDA		Aprov.

Curitiba, 31 de março de 2006.

Prof. Fernando C. Gil
Coordenador

AGRADECIMENTOS

Meu maior agradecimento vai à Professora Doutora Maria José Foltran, pela orientação desta dissertação. Pela disposição e paciência em ler inúmeras vezes o meu trabalho e pelas sugestões fundamentais para a sua realização.

Agradeço aos Professores Doutores Rossana Finau e Maximiliano Guimarães, pelas valiosas observações no meu exame de qualificação.

Agradeço à colega de estudos Andréia Rutiquewiski Gomes, pelas observações relacionadas à formatação final.

E, finalmente, agradeço a CAPES, pelo apoio financeiro durante meu período de Mestrado.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 Verbos Psicológicos: Principais Abordagens.....	04
1.1....Considerações iniciais.....	04
1.2....Propriedades atribuídas aos verbos psicológicos.....	06
1.2.1.Beletti&Rizzi (1988) e a Estrutura Inacusativa.....	06
1.2.2.Grimshaw (1990) e a Teoria da Proeminência.....	08
1.2.3.Dowty (1979, 1991).....	10
1.2.3.1.Os papéis temáticos dos verbos psicológicos (Dowty, 1991).....	11
1.2.4.Van Voorst (1992) e a análise aspectual dos verbos psicológicos.....	13
1.2.5.Tenny (1994, 2000): propriedades dos eventos.....	14
1.2.6.Cançado (1995) e a teoria generalizada dos papéis temáticos.....	15
1.3...A divisão dos verbos psicológicos em classes.....	17
1.3.1.Verbo intrinsecamente psicológicos.....	18
1.3.2.Propriedades sintáticas e semânticas dos verbos intrinsecamente psicológicos Levin e Rappaport (1995, 2002).....	22
1.4...Verbos de comportamento variável.....	24
1.4.1.Propriedades sintáticas e semânticas dos verbos de comportamento variável..	24
1.5...Análise das classes 3 e 4 dos verbos psicológicos de Cancado (2000).....	27
1.5.1.Análise dos verbos da classe 3.....	27
1.5.2.Análise dos verbos da classe 4.....	34
1.6....Resumo do capítulo.....	39
CAPÍTULO 2 –Propriedades semântico-sintáticas dos verbos psicológicos.....	41
2.1....Considerações Iniciais.....	41
2.2....Os verbos de estados psicológicos.....	41

2.3...Os verbos de mudança de estados psicológicos: eventos complexos Rappaport Hovac e Levin (1999) e Levin e Rappaport Hovac (2002).....	42
2.3.1..Relações sintáticas e semânticas entre os subeventos dos verbos de mudança e estados psicológicos.....	44
2.4.....Os experienciadores psicológicos e a propriedade controle.....	45
2.5.....Estado permanente e estado transitório das experiências psicológicas.....	49
2.6.....Verbos de mudanças de estados – construção ergativa.....	51
2.6.1..Verbos de mudança de estados psicológicos – construção ergativa.....	54
2.7.....Resumo do capítulo.....	59
CAPÍTULO 3 – Análise dos verbos intrinsecamente psicológicos.....	61
3.1.....Considerações iniciais.....	61
3.2.....Classes aspectuais segundo Vendler (1967).....	61
3.3.....Verbos de estados psicológicos.....	63
3.4.....Verbos de mudanças de estados psicológicos – eventos complexos.....	65
3.4.1..Verbos de mudança de estados psicológicos – construção resultativa.....	66
3.4.2..Os participios das construções passivas verbal e adjetival resultativa.....	68
3.5.....Verbos Transitivos Agentivos e Verbos Causativos Diretos Não Psicológicos	68
3.6.....Aplicação das propriedades sintáticas nos verbos intrinsecamente psicológicos	70
3.7.....A formação dos advérbios em – <i>mente</i>	72
3.8...Resumo do capítulo.....	73
4.0...Considerações finais.....	74
Referências bibliográficas.....	81

RESUMO

Este trabalho tem como foco principal a formação de advérbios de modo em *-mente* com particípios de verbos intrinsecamente psicológicos. A hipótese central é que somente uma das classes desses verbos, os da classe de verbos de mudança de estados psicológicos, também denominados de eventos complexos, podem unir-se com *-mente* na formação de advérbios de modo. Este trabalho baseia-se na linha semântica lexical, como a adotada por Levin e Rappaport Hovac (1995, 1999, 2002) e Rappaport Hovac e Levin (1999) e na semântica aspectual, como a adotada por Grimshaw (1990). Nosso quadro teórico concebe que as propriedades lexicais desses predicados psicológicos mais suas características semântico-aspectuais são as razões de esses verbos possuírem diferenças em suas representações sintáticas e conseqüentemente em seus particípios verbais.

Palavras-chave: eventos complexos, adjetivos resultativos, advérbios em *-mente*

ABSTRACT

This dissertation has the manner adverbials formation with intrinsic psychological verbs participles as the principal focus. The central hypothesis is that only the participles from one the two intrinsic psychological verbs classes, called complex events, can junction with –*mente* in the manner adverbs formation. This research is based on a representational lexical semantic as the one adopted by Levin and Rappaport Hovav (1995, 1999, 2002); Rappaport Hovav and Levin (1999) and the aspectual semantic as the one adopted by Grimshaw (1990). This paper presents as reasons from the differences in the intrinsic psychological verbs syntactic representations and their participles the properties and the semantic aspectual characteristics.

key words: complex events, resultative adjectives, *-mente* adverbs

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo analisar a junção de participípios derivados de verbos psicológicos com *-mente* na formação de advérbios de modo. Esses verbos são conhecidos na literatura por especificarem estados emocionais e por apresentarem, obrigatoriamente, um experienciador [+humano] desse estado emocional. Os verbos psicológicos aqui estudados pertencem à classe aspectual estado em (1) e à classe aspectual evento em (2), como propõe Grimshaw (1990). A intuição que está subjacente a esse posicionamento é a de que, no caso dos verbos em (1), o experienciador ocupa a posição de argumento externo, enquanto que, em relação aos verbos em (2), o argumento experienciador se encontra na posição interna.

(1) amar, abominar, adorar, almejar, ambicionar, apreciar, cobiçar, conquistar, ludibriar, odiar, tapear, temer, etc.

(2) aborrecer, angustiar, apavorar, chatear, comover, deprimir, desesperar, desolar, enraivecer, entediar, frustrar, preocupar, etc.

Os verbos estudados nesta dissertação são intrinsecamente psicológicos, isto é, são verbos sem pluralidade de sentidos. Só aceitam a leitura de uma experiência psicológica por um argumento [+humano], sendo, aqui, analisados apenas em situações do mundo real.

Estudos desenvolvidos por Grimshaw (1990), que parte de uma perspectiva centrada inicialmente sobre as propriedades semânticas, derivando destas a estrutura argumental verbal e ainda a sua representação sintática, argumentam que a diferença nas propriedades dos verbos em (1) e dos verbos em (2) referem-se às suas aspectualidades verbais. Os verbos em (1) são do tipo estativo e os verbos em (2) são do tipo causativo eventivo.

Esses diferentes comportamentos sintáticos serão analisados no desenvolver desta dissertação, permitindo esclarecer os motivos de somente os participípios dos verbos psicológicos apresentados em (2) servirem de base para a formação de advérbios de modo em *-mente*, como exemplificado nas sentenças em (3), enquanto os participípios dos verbos

apresentados em (1) não servem de base para essa formação, conforme se pode verificar em (4):

- (3) a. Maria chorou *desesperadamente*.
 b. Maria anda pela sala *preocupadamente*.
 c. Maria conduziu a reunião *aborrecidamente*.
- (4) a. *Maria fala *amadamente*.
 b. *Maria escreveu a carta *odiadamente*.
 c. * Maria se comporta *invejadamente*.

Inicialmente, trabalharemos com a hipótese de as propriedades lexicais, temáticas e aspectuais serem os fatores que diferenciam as construções sintáticas desses verbos. Essa hipótese vai contra a assunção de que a não ocorrência das formas adverbiais em (4) se deve simplesmente a lacunas no léxico, como quer a morfologia¹.

A partir dessa hipótese, analisaremos as diferenças semântico-sintáticas desses verbos e, por conseguinte, a diferença aspectual entre os seus participípios, diferença essa que permite a uns participípios comportarem-se como adjetivos “puros” enquanto a outros não.

O estudo desta dissertação centra-se nas características semânticas dos verbos intrinsecamente psicológicos, assim como sobre suas características sintáticas, propondo uma definição de suas construções sintáticas prototípicas.

Assim, este trabalho analisa as propriedades léxico-sintático-semânticas dos verbos de estados psicológicos e dos verbos de mudança de estados psicológicos, seguindo a linha da semântica-lexical, de Levin e Rappaport Hovac 1995, 1999, 2002 (L&RH a partir de agora), Rappaport Hovac e Levin, 1999 (RH&L a partir de agora) e Grimshaw (1990), objetivando responder ao seguinte questionamento: Que propriedades léxico-sintático-semânticas dos verbos de mudança de estados psicológicos possibilitam aos seus participípios a junção com *-mente* na formação de advérbios de modo?

Elegemos, para este estudo, alguns verbos intrinsecamente psicológicos e, levando em conta suas características, suas propriedades serão explicitadas a partir das seguintes aplicações: i) a ergativização com o pronome reflexivo *se* que tem como finalidade comprovar se os verbos psicológicos analisados são ou não verbos de mudança de estados psicológicos, uma vez que somente estes, dentre os verbos psicológicos, aceitam essa construção; ii) as construções passivas verbais e adjetivais resultativas em sentenças formuladas com os verbos

¹ A este respeito, ver Basílio (1998)

de estados psicológicos e verbos de mudança de estados psicológicos, objetivando apresentar e analisar por que somente os verbos de mudança de estados psicológicos permitem aos seus participípios a junção com *-mente* na formação do advérbio de modo e os verbos de estados psicológicos não.

Neste trabalho, são sistematizados e analisados dados formulados a partir de nossa intuição como falantes e optamos sempre pela ordem canônica da sentença em português (sujeito-verbo-complemento).

Estruturam-se os conteúdos desta dissertação em três capítulos:

Como a intenção deste trabalho é reconhecer e analisar as propriedades lexicais e as características semântico-aspectuais da classe dos verbos com sentido único psicológico, o primeiro capítulo apresenta os estudos de alguns autores sobre a classe dos verbos psicológicos, visando dar, inicialmente, um panorama das análises feitas sobre essa classe verbal e apresenta as caracterizações semântico-sintáticas dos verbos de estados psicológicos e dos verbos de mudança de estados psicológicos, assim como dos verbos agentivos e dos verbos causativos diretos não psicológicos, visando descartar verbos de comportamento variável dos verbos intrinsecamente psicológicos.

O segundo capítulo retoma os predicados intrinsecamente psicológicos, aprofundando o estudo de suas dimensões aspectuais. Analisa as relações sintáticas e semânticas entre os subeventos dos verbos de mudança de estados psicológicos, a *causa interna* das experiências psicológicas, a propriedade de duração temporal das experiências psicológicas e a possibilidade ou não de haver a propriedade *controle* das experiências psicológicas, assim como também apresenta as razões de existirem construções ergativas com o falso pronome reflexivo *se* e sem o falso pronome reflexivo *se*.

O terceiro capítulo analisa os verbos intrinsecamente psicológicos no que diz respeito às classes aspectuais pertinentes: estado, *accomplishments* e *achievements*. Para aplicar a verificação das propriedades sintáticas: construções passivas verbal e adjetival resultativa e a construção ergativa sobre sentenças dos verbos intrinsecamente psicológicos, também são analisadas as construções passivas verbal, adjetival e construção ergativa.

CAPÍTULO 1

VERBOS PSICOLÓGICOS: PRINCIPAIS ABORDAGENS

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os verbos psicológicos têm sido objeto de estudo de vários autores. Esses verbos são abordados no que diz respeito às suas propriedades sintáticas ou semânticas, devido ao comportamento anômalo que apresentam com relação aos outros verbos transitivos. O comportamento anômalo dos verbos psicológicos é visto como um contra-argumento ao princípio *Uniformity of Theta Assignment Hypothesis* (UTAH) de Baker (1988) sobre a relação entre papel semântico e sintaxe. Tal princípio estabelece que “Identical thematic relationships between items are represented by identical structural relationships between those items at the level of D-structure” (1988, p.46).

O princípio de Baker implica a correspondência entre papéis semânticos e posições sintáticas estruturais. Assim, por exemplo, numa sentença em que haja a realização do papel semântico *agente*, o argumento que recebe esse papel será sempre gerado na posição sintática do argumento externo. A hierarquia de UTAH apresenta-se como uma lista de papéis semânticos, organizados segundo a posição sintática em que os argumentos são gerados na estrutura profunda.

Os verbos psicológicos são verbos que denotam um estado emocional e têm, obrigatoriamente, um argumento experienciador, que é o que experiencia esse estado psicológico. Por exemplo, na grade temática de *preocupar*, há um argumento que experiencia a sensação de preocupação, na grade de *odiar*, há o que sente o ódio em relação a algo ou a alguma pessoa.

O papel semântico experienciador dos verbos psicológicos, que pode ocorrer em duas posições sintáticas diferentes, e nesse sentido fere UTAH, divide esses verbos em dois grupos: um que possui o experienciador na posição sintática de sujeito (são os verbos chamados aqui de verbos de estados psicológicos, como *amar*) e outro grupo que apresenta o experienciador na posição sintática de objeto (são os verbos chamados aqui de verbos de mudança de estados psicológicos, como *preocupar*).

O fato de o experienciador poder ocorrer em duas posições sintáticas diferentes nesses dois grupos de verbos, faz com que esses verbos psicológicos constituam um desafio na tentativa de caracterizar o seu alinhamento e suas conversões gramaticais, principalmente no que diz respeito à hierarquia temática².

No momento em que se percebeu que a grade temática do verbo e, principalmente, o conteúdo do papel temático de cada argumento eram relevantes para as relações estruturais, houve grande interesse em se discutir e propor uma hierarquia em que se procurava estabelecer a proeminência de um papel temático sobre o outro. Facilmente, chegou-se à conclusão de que o *agente* era o mais proeminente dentre eles. No entanto, ao se tentar especificar a posição do experienciador, viu-se, por meio do estudo dos verbos psicológicos, que esse papel temático era um empecilho à idéia de se poder ordenar os papéis hierarquicamente, já que ora ele aparece na posição de sujeito, como em (1), e ora ele está na posição de objeto, como podemos ver em (2):

(1) O Pedro_(exp) ama a Maria.

(2) A Maria preocupa a professora_(exp).

É devido ao comportamento detalhado em (1) e (2) que esses verbos são amplamente pesquisados. Os estudos mostram que há diferentes fenômenos sintáticos e semânticos associados a essa organização argumental típica.

Para que também possamos refletir sobre esses verbos, iniciamos nosso percurso com um capítulo que visa oferecer um panorama geral da literatura sobre o tema. Primeiramente, sintetizamos e discutimos as principais propostas teóricas, evidenciando algumas das mais relevantes propriedades atribuídas a esses verbos. A seguir, apresentamos as divisões dos verbos psicológicos em classes. Geralmente, esses verbos são separados em duas classes. Há, porém, autores como Cançado (2000) que sugere uma classificação mais

² Ver o posicionamento das autoras Rappaport Hovav e Beth Levin sobre a Hierarquia Temática em RH&L (2004)

refinada em quatro classes. Finalmente, realizamos uma análise dos verbos pertencentes às Classes 3 e 4 de Cançado com o objetivo de demonstrar que nem todos os verbos pertencentes a essas classes são verbos intrinsecamente psicológicos.

1.2 PROPRIEDADES ATRIBUÍDAS AOS VERBOS PSICOLÓGICOS

1.2.1. BELETTI & RIZZI (1988) e a Estrutura Inacusativa

Belletti & Rizzi (1988), (doravante B&R), argumentam a favor de diferentes estruturas sintáticas profundas para verbos do tipo de *amar* e *preocupar*, demonstrando, assim, sua hipótese sintático-lexical sobre os verbos psicológicos. Os autores argumentam que diferentes configurações sintáticas subjazem a esses verbos. Assim, embora com representações lexicais muito parecidas, há uma pequena variação na estrutura profunda, em que os verbos do grupo 1 (os que têm o experienciador na posição de sujeito, como *amar*, *odiar*) apresentam uma configuração transitiva comum, e os verbos do grupo 2 (com o experienciador na posição de objeto, como *preocupar*, *aborrecer*) teriam uma configuração inacusativa³, de duplo objeto, com posição de sujeito não temática.

Desse modo, B&R resolvem o problema de o experienciador alternar com o tema a posição de argumento mais proeminente. É importante observar que em sentenças com verbos do grupo 2, quando na ordem canônica, o experienciador está na posição de objeto e o tema, como concebido nesses estudos, na posição de sujeito. Com a proposta de que os verbos desse grupo seriam inacusativos, o tema é gerado internamente, como o experienciador, mas este seria mais proeminente do que aquele, uniformizando assim a posição do experienciador, ou seja, este argumento estaria sempre em posição mais alta que o tema.

B&R apontam várias evidências empíricas que sustentam a hipótese proposta. Uma delas é que o experienciador de *preocupar* possui um feixe de propriedades típicas de sujeito derivado. Para provar esse fato, os autores apresentam quatro argumentos:

³ A noção de inacusatividade é largamente discutida na literatura gerativista. De modo geral, o termo é usado para se referir a verbos monoargumentais, cujo único argumento é gerado na posição de argumento interno.

a) O primeiro argumento refere-se à impossibilidade de uso do clítico anafórico como argumento a favor da natureza não profunda do sujeito de verbos como *preoccupar*, assumindo que só um sujeito profundo pode ocorrer numa construção reflexiva. Os exemplos a seguir, em (3), são usados pelos autores para comprovar isso.

(3) a. Gianni si teme.

(Gianni se teme)

b. *Gianni si preoccupa.

(Gianni se preocupa)'

b) O segundo argumento usado por B&R para determinar a inacusatividade de verbos do grupo 2 é a possibilidade de interpretação arbitrária (uso de um *pro* arbitrário), sendo que só as construções com sujeitos profundos (4a) aceitam essa interpretação.

(4) a. *pro* hanno temuto il terremoto. ‘

(temiam o terremoto)

b. **pro* hanno preoccupato il governo.

(preocupavam o governo)

c) O terceiro argumento de B&R baseia-se na proposta de que estruturas causativas com sujeitos derivados não podem ser encabeçadas com o auxiliar fazer + complementos VPs infinitivos. A sentença (5) mostra que o verbo *temer* se comporta exatamente como um transitivo, enquanto a sentença (6) mostra que *preoccupar* não.

(5) Questo lo ha fatto temere ancora di più a Mario.

(Isto o fez temer ainda mais a Mario)

(6) *Questo lo ha fatto preoccupare ancora di più a Mario.

(Isto o fez preocupar ainda mais a Mario)

d) O quarto argumento de B&R refere-se à não aceitação da passiva verbal por sujeitos não-temáticos que, por outro lado, aceitam a passiva adjetival. Esse comportamento pode ser medido por alguns testes. Um deles seria verbos com sujeito derivado em (7a) que não possuem uma forma regular de particípio, mas que possuem a forma correspondente adjetival; por isso a não aceitação da passiva verbal em (7b) e por outro lado, a aceitação da passiva adjetival em (7c):

(7) a. Le sue idee mi stufano.

(Suas idéias me cansam)

b. *Sono stufato dalle sue idee.

(Eu estou cansado por suas idéias)

c. Sono stufo delle sue idee.

(Eu estou cansado das suas idéias)

Os argumentos empíricos apresentados para essa abordagem revelam que verbos desse tipo apresentam propriedades típicas de verbo cujo sujeito foi gerado na posição de objeto, indicando que a posição de sujeito não é temática.

A abordagem de B&R recebeu uma série de críticas⁴. Não levantaremos os problemas apresentados para esse tipo de abordagem, porque não discutiremos aqui a questão da hierarquia temática. No entanto, algumas propriedades apontadas para os verbos psicológicos são relevantes para caracterizar um grupo e outro, e precisaremos manter essa divisão em dois grupos.

1.2.2 GRIMSHAW (1990) e a Teoria da Proeminência

Grimshaw (1990) parte de uma perspectiva centrada inicialmente sobre o léxico, sobre as propriedades semânticas dos itens lexicais, derivando destas a estrutura argumental dos mesmos e ainda a sua representação sintática. Segundo a autora:

⁴ Conferir em Cançado (1997) uma dessas críticas.

The organization of the a-structure⁵ for a predicate is taken to be a reflection of its lexical semantics, so that the a-structure of a predicate should be derivable from key characteristics of its meaning. (...) The fundamental goal of this enterprise is to derive a-structure from semantics and then to derive the lexical behavior of a predicate and its d-structure from its argument structure representation. (...) The position taken in much earlier work, that the lexicon is idiosyncratic and is acquired piece by piece, simply cannot be maintained (p. 3).

Grimshaw põe em causa a proposta de B&R para os dois tipos de verbos psicológicos, *temer e preocupar*, com base no fato de B&R não tratarem sistematicamente da diferença entre as duas classes, resolvendo o assunto com uma estipulação lexical para cada verbo. A proposta de Grimshaw integra informação aspectual e tenta um tratamento que associa aspectos temáticos, sintáticos e aspectuais:

The central idea is that the two classes of verbs have the same thematic prominence relations, although they differ with respect to their aspectual properties and hence with respect to the d-structure realization of their arguments. (p. 9).

Essa diferença nas propriedades aspectuais dos tipos de verbos consiste no fato de verbos como *preocupar* serem do tipo causativo e eventivo, enquanto verbos como *temer* são do tipo estativo, nunca eventivo.

Grimshaw assume, assim, a existência de duas hierarquias: a Hierarquia Temática e a Hierarquia Aspectual. Essas hierarquias podem concordar ou levar a resultados diferentes, como no caso de verbos como *preocupar*. Em relação a esses verbos, segundo a Hierarquia Temática, seria o experienciador a ocupar a posição sujeito, mas segundo a Hierarquia Aspectual, é a causa a ocupar a posição sujeito. É a Hierarquia Aspectual que determina qual o argumento que é realizado como sujeito.

Assim, para a autora, verbos do grupo 2 como *preocupar*, ao contrário dos verbos do grupo 1 como *amar*, têm um sentido causativo. É interessante observar que essa Causa aparece também em outras abordagens. A diferença é que Grimshaw confere a essa noção um valor aspectual, diferente do valor temático que havia até então. Isso, segundo a autora, faz com que as duas classes de verbos pertençam a diferentes sub-classes aspectuais: estados e eventos⁶.

A abordagem de Grimshaw baseia-se na existência de uma relação entre a estrutura argumental de um predicado e o seu significado, aspecto que consideramos, de fato,

⁵ A-structure equivale a estrutura argumental.

⁶ Para uma crítica a essa abordagem, ver van Voorst (1992) e Cançado (1995).

fundamental para a compreensão das propriedades sintático-semânticas dos predicados. O estudo das propriedades semântico-aspectuais desses verbos, nos próximos capítulos, permitirá desenvolver essa abordagem.

1.2.3 DOWTY (1979, 1991) e os papéis temáticos

Dowty (1979) propõe-se a estudar os papéis temáticos dentro de uma teoria semântica de modelo teórico, entendendo serem os papéis temáticos relevantes em distintos domínios.

Concentrando-se na seleção dos argumentos para elaborar uma Teoria de Papéis Temáticos, ele propõe reduzir o número de papéis temáticos a dois: *Proto-Agente* e *Proto-Paciente*. Esses papéis temáticos não são elementos primitivos e, sim, proto-tipos, conceitos que agrupam uma série de propriedades definidas de *Proto-Agente* em (8) e de *Proto-Paciente* em (9):

(8) Propriedades do Proto-Agente:

- a. envolvimento voluntário no evento ou estado;
- b. sensibilidade (e/ou percepção, noção);
- c. causa de um evento ou mudança de estado em outro participante;
- d. movimento (relativo à posição de outro participante);
- e. (referente existe independentemente da ação do verbo).

(9) Propriedades do Proto-Paciente:

- a. submeter-se à mudança de estado;
- b. ampliação de tema;
- c. casualmente afetado por outro participante;
- d. imóvel relativo ao movimento de outro participante;
- e. (referente não existe independentemente do evento, de modo algum).

A proposta de Dowty (1979) parte das quatro classes aspectuais de Vendler (estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*), acrescentando-lhes um traço binário (+/-agentivo), obtendo um total de oito propriedades.

Segundo o autor, os predicados podem possuir todas ou, simplesmente, algumas das propriedades de (8) ou de (9). Quantas mais propriedades do *proto-agente* possuir um predicado com respeito a um de seus argumentos, mais prototipicamente agentivo ele será e maiores as possibilidades de se realizar como sujeito. Quantas mais propriedades do *proto-paciente* possuir um predicado com respeito a um de seus argumentos, mais prototipicamente paciente ele será e maiores as possibilidades de se realizar como objeto direto. A relação entre a atribuição dos papéis temáticos e as suas realizações sintáticas está governada pelo Princípio de Seleção de Argumento (10):

(10) Princípio de Seleção de Argumento

Em predicados com sujeito e objeto gramaticais, o argumento para o qual o predicado transmite o maior número de propriedades do proto-agente será realizado como o sujeito do predicado; o argumento com o maior número de propriedades do *proto-paciente* será realizado como o objeto direto.

1.2.3.1 Os Papéis Temáticos dos Verbos Psicológicos (Dowty, 1991)

De acordo com o autor, os verbos podem ser analisados com os mesmos papéis temáticos: *experienciador*, argumento verbal participante em verbos de estado, sensação, emoção, percepção ou atitude mental, e *estímulo*. Com esse aparato teórico, o autor dá conta dos padrões de lexicalização dos verbos psicológicos.

(i) Verbos Experienciador-Sujeito

Dowty (1991) denomina de Experienciador-sujeito os verbos psicológicos em que o experienciador se encontra na posição de sujeito. Nesses verbos, o experienciador deve ter noção do estímulo, o que o caracteriza como *proto-agente*, como mostra o exemplo em (11):

(11) João ama Maria.

Em (11), podemos observar que *João* precisa ter noção do estímulo *Maria* para poder amá-la; *Maria*, por sua vez, não precisa ter noção de *João*.

(ii) Verbos Estímulo-Sujeito

O autor denomina de Estímulo-sujeito os verbos psicológicos em que o experienciador encontra-se na posição de objeto direto como *preocupar/aborrecer*. Nesses verbos, o estímulo provoca alguma mudança de estado no experienciador e, assim, esse estímulo tem a propriedade *proto-agente*, causa ou mudança de estado em outro participante (8c) e será realizado como sujeito.

No entanto, nesses mesmos verbos, o experienciador, que se encontra na posição de objeto direto, possui tanto a propriedade *proto-paciente* (9c) como a propriedade *proto-agente*, (8b), uma vez que para haver a *preocupação*, o *aborrecimento* é preciso que o experienciador tenha a *noção* do estímulo. Observemos o exemplo em (12):

(12) Resíduos tóxicos preocupam/aborrecem o senador profundamente.

Para que o senador possa se *preocupar/aborrecer* com os resíduos tóxicos é necessário que ele tenha a noção desses resíduos. É inaceitável uma sentença como (13):

(13) *Resíduos tóxicos preocupam/aborrecem o senador profundamente, mas ele não tem noção desses resíduos.

Vemos que, nesses verbos, o experienciador, além de possuir uma propriedade *proto-paciente*, submeter-se à mudança de estado (propriedade 10b), também possui uma propriedade *proto-agente*, a noção (propriedade 9b).

Encontramos nos trabalhos de Dowty (1979) a categorização dos psicológicos em relação às classes aspectuais, classificação que não aparece no texto de Vendler (1967). Usando operadores semânticos como CAUSA, ele dá conta de características como a

causatividade e agentividade dos predicados e associa os *accomplishments* à causatividade, ou seja, seriam predicados estativos sob o escopo do operador CAUSA⁷.

This presence or absence of a causal event seemed to be the most salient distinction between the Accomplishment and Achievement class for Vendler (and is for me), so I will use Accomplishment verb (phrase) to refer to those that do not, irrespective of agency or multi-part change of state (DOWTY, 1979, p. 183).

1.2.4 VAN VOORST (1992) e a Análise Aspectual dos Verbos Psicológicos

Em estudo específico sobre os predicados psicológicos, van Voorst (1992) retoma a tipologia de Vendler (1967) e de Dowty (1979) e assume as considerações de Dowty sobre a exclusividade da causatividade com os *accomplishments* e, após submeter os verbos psicológicos a testes aspectuais, exclui a possibilidade de eles serem *accomplishments*, considerando-os *achievements*.

(...) use of the feature CAUSE groups frighten with Accomplishments such as break or open. These verbs are generally characterized as causatives in thematic role or conceptual descriptions and aspectual analyses. The feature CAUSE typically co-occurs with the change of state that finalizes an event. My aspectual analysis shows that psychological verbs are very much unlike Accomplishments and do not imply a process leading up to such a change of state. Their status as Achievements rules out their being causative (VAN VOORST, 1992, p. 83-84).

A argumentação de van Voorst baseia-se em dois pontos essenciais: (i) não há processo levando a um ponto de culminação de mudança de estado; (ii) os verbos do tipo de *preocupar* não são causativos.

Van Voorst mostra que a proposta de Grimshaw, que caracteriza os verbos psicológicos do tipo de *preocupar* como tendo traços aspectuais de causa, agrupa-os na classe dos *accomplishment* como *quebrar* e, segundo van Voorst, os verbos psicológicos não se enquadram nas características de *accomplishment*, pois, pela sua análise aspectual, esses verbos não implicam um processo acarretando mudança de estado.

⁷ Dowty reduz todos os predicados à condição de estativos; o que determina a classe aspectual é o operador: *Do* para as atividades, *Cause* para os *accomplishments* e *Become* para os *achievements*.

Veremos através dos trabalhos de L&RH e RH&L, apresentados mais adiante, que os verbos do tipo de *preocupar* não pertencem à classe aspectual *accomplishment*. Apesar de também apresentarem um argumento CAUSA como sujeito, esses verbos são *eventos complexos*, predicados que possuem um subevento causativo em (14a), um subevento resultativo, expresso na forma ergativa, em (14b), e na forma passiva adjetival resultativa, em (14c):

- (14) a. A falência de João preocupou Maria (subevento causativo)
 b. Maria se preocupou. (subevento resultativo)
 c. Maria ficou preocupada. (subevento resultativo)

Nos *eventos complexos*, o subevento resultativo é independente temporalmente do subevento causativo, pois (i) ele pode acontecer imediatamente ou muito tempo depois de o subevento causativo ter acontecido (*Maria pode se preocupar ao saber da falência de João logo após a ocorrência do fato, ou se preocupar no momento em que toma conhecimento desse fato que, no entanto, se deu há muito tempo*); (ii) ocorrer muitas vezes depois de ter acontecido o subevento causativo (*Maria se preocupa cada vez que se lembra da falência de João*).

Essa independência temporal que os *eventos complexos* possuem é o seu diferencial dos *accomplishments* em (15), em que o resultado, *a janela quebrada*, acontece apenas uma vez e imediatamente após a causa. A diferenciação entre *eventos complexos* e *accomplishments* será estudada no Capítulo 3.

- (15) O vento quebrou a janela.

1.2.5 TENNY (1994, 2000): Propriedades dos Eventos

Os estudos de Tenny propõem uma solução alternativa, baseada na *Hipótese da Interface Aspectual*, onde não são os papéis temáticos e, sim, certos princípios aspectuais, “*Measuring-Out Constraint*” (MOC), os conectores entre a sintaxe e a semântica. No caso concreto da distinção entre os verbos do tipo de *temer* e os do tipo de *preocupar*, a autora

afirma serem unicamente os do tipo de *preocupar* os capazes de medir (measuring-out) o evento denotado.

A autora denomina de eventos nucleares (*core events*) os eventos modificados por um ponto final. Para ela, verbos cuja semântica lexical permite haver uma estrutura eventiva com mensuramento, são eventos nucleares, aqueles com final temporal associado a alguma mudança em seu objeto direto. O fato de esses eventos incluírem uma causa até o estado final que atinge o objeto direto, torna-os verbos télicos, isto é, passam a definir um fim para a extensão temporal do evento representado pelo verbo.

Tenny diz que os verbos psicológicos são também diferenciados pelas suas propriedades aspectuais. Por exemplo, verbos do tipo de *amar* ou *temer*, com o experienciador na posição de sujeito da classe aspectual estado, são verbos atélicos, uma vez que não afetam os seus objetos, e, por conseguinte, não apresentam duração temporal. Segundo a autora, a duração temporal, isto é, a telicidade é constatada no resultado da afetação final pelo evento verbal no objeto direto.

No entanto, veremos, logo adiante, também não ser possível mensurar o evento dos verbos psicológicos do tipo de *preocupar*, em que o argumento *experienciador* está na posição de objeto direto. Esses verbos são *eventos complexos* e possuem lexicalmente dois subeventos: o causativo e o resultativo, temporalmente independentes. Assim, em razão dessa independência, mesmo o objeto direto sendo afetado pelo evento verbal, não há um resultado final dessa afetação, uma vez que o subevento resultativo pode se dar inúmeras vezes depois do subevento que o causou.

1.2.6 CANÇADO (1995) e a Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos

Cançado (1995) utiliza-se do modelo de semântica representacional esboçado inicialmente em Franchi (1975) e propõe serem certos aspectos semânticos os elementos relevantes para a sintaxe das expressões envolvendo os verbos psicológicos.

A autora acredita estar a solução para os verbos psicológicos e seu conteúdo particular em uma análise mais refinada de uma teoria de estrutura argumental, em que os papéis temáticos e o seu conteúdo são relevantes para certas configurações sintáticas, e propõe uma análise semântico-representacional. Assim, os papéis temáticos são descritos por

meio de seus acarretamentos, o que ficou conhecido como *Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos*. A autora utilizou, para a investigação desses verbos, o estudo da diátese verbal e o exame das propriedades e fatores envolvidos na seleção argumental de trezentos verbos psicológicos do português brasileiro. Trata-se, certamente, da abordagem mais completa a respeito de verbos psicológicos envolvendo dados do português brasileiro. Os resultados descritivos dessa pesquisa são evidências favoráveis a uma proposta semântica, no âmbito das relações temáticas.

Esse refinamento das relações temáticas permitiu a Cançado encontrar não somente duas classes verbais psicológicas, como propõe a literatura na área, mas quatro classes verbais obtidas pelas distintas propriedades sintáticas apresentadas e por distintas redes temáticas. Quanto ao estudo da rede temática, a autora optou por uma classificação própria dos papéis temáticos, estabelecida de acordo com a relevância do seu conteúdo para a estruturação sintática.

Para a Classe Verbal 1, (verbos do tipo de *temer*), a autora assume uma configuração transitiva simples pelo motivo de o experienciador projetar-se como sujeito.

Na Classe Verbal 2, (verbos do tipo de *preocupar*), o fato de o experienciador projetar-se como objeto constitui, segundo a autora, um problema que advém do princípio de hierarquia temática entre os papéis envolvidos. Segundo ela, não existe motivo para se pensar que a Classe Verbal 2 tenha estrutura profunda diferente da estrutura de um verbo transitivo simples, como querem B&R, por exemplo. Para Cançado, o sujeito dessa classe não é um *tema*, mas uma *causa*, o que faz toda a diferença.

A Classe Verbal 3 (verbos do tipo de *acalmar*), além de aceitar uma causa como sujeito, também aceita um agente, diferentemente do que ocorre na Classe Verbal 2 que não permite leitura agentiva.

A Classe Verbal 4 (verbos do tipo de *animar*) é composta por verbos que partilham propriedades tanto dos verbos da Classe 2 quanto dos verbos da Classe 3, apresentando, portanto, todas as propriedades atribuídas a essas duas classes.

Com os dados obtidos de suas análises, Cançado mostra que a hipótese inacusativa parece inadequada para os verbos psicológicos e fornece indícios de estarem nas relações temáticas a solução para os problemas apresentados por esses verbos. Assim, as classes dos verbos psicológicos são igualadas em nível configuracional, atribuindo-se às quatro classes uma mesma estrutura transitiva.

Segundo Cançado (1995), não se comprovando diferenças em nível da configuração sintática entre as classes dos verbos psicológicos, deve-se buscar a solução para os problemas

apresentados por esses verbos em um outro plano. A adoção de uma classificação mais fina dos papéis temáticos leva a redes temáticas diferentes para as classes dos verbos psicológicos. A autora diz ser plausível supor que os diferentes comportamentos e propriedades apresentados por esses verbos têm sua origem em suas diferenças semânticas.

1.3 A DIVISÃO DOS VERBOS PSICOLÓGICOS EM CLASSES

A partir dos diferentes estudos apresentados aqui, é possível perceber que a grande questão levantada pelos verbos psicológicos diz respeito ao comportamento sintático-semântico variado que os divide em duas grandes classes, ou, numa abordagem mais refinada como a de Cançado, em quatro. Essa variação no comportamento está em geral associada ao lugar em que se realiza o experienciador, o que leva os autores a localizar essa diferença na grade temática, ou na estrutura profunda ou na estrutura aspectual, dependendo de como concebem a noção experienciador ou causa. Nessa apresentação, pudemos observar que essas noções teóricas, consideradas responsáveis pela diferença que torna os verbos psicológicos especiais, fazem com que os autores transitem entre o domínio temático e um domínio aspectual amplo (domínio este que vai ter que incluir uma estrutura de evento também) para dar conta do problema.

Portanto, de acordo com os critérios selecionados por cada autor, teremos uma classificação diferente dos verbos psicológicos. A maioria deles fica com a divisão em duas classes. Não há nesses estudos, no entanto, uma determinação do elenco de verbos de cada classe. De modo geral, os autores trabalham com protótipos, como a classe de verbos do tipo *temer* e a classe de verbos do tipo *preocupar*. Somente Cançado elenca os verbos de cada classe, apresentando uma classificação exaustiva das propriedades de cada um e é um certo conjunto de propriedades que torna os verbos membros de uma ou de outra classe.

No entanto, para os propósitos deste trabalho, parece que a divisão de Cançado é demasiadamente detalhista. Como ela mesma observa, em Cançado (2002), as Classes 3 e 4 são variações da Classe 2, com uma ou outra propriedade diferente.

É necessário destacar que defendemos, neste trabalho, que os verbos *apavorar*, *entusiasmar* e *fascinar*, da Classe 4 de Cançado (2000), são verbos intrinsecamente psicológicos, representantes dos verbos de mudança de estados psicológicos. Os verbos

restantes, tanto os da Classe 3 como os da Classe 4 de Cançado, são descartados da análise por não serem considerados verbos intrinsecamente psicológicos.

Mais duas observações são importantes para o desenvolvimento de nosso estudo. A primeira delas é explicitar que verbos são intrinsecamente psicológicos, pois a partir daí descartamos vários verbos utilizados por Cançado (2000). A segunda é que adotaremos os critérios adotados por L&RH (1995) para dividir os verbos intrinsecamente psicológicos em duas classes (os verbos de estado psicológico e os verbos de mudança de estados psicológicos). Com esse estudo, pretendemos provar que somente os participípios dos verbos de mudança de estados psicológicos podem se juntar com *-mente* para a formação de um advérbio de modo.

1.3.1 Verbos Intrinsecamente Psicológicos

Os verbos intrinsecamente psicológicos são aqui caracterizados e por nós renomeados para melhor diferenciá-los. A análise desses verbos segue a linha semântica-lexical, de L&RH (1995) e L&RH (2002).

O motivo de os verbos abaixo terem sido escolhidos como intrinsecamente psicológicos é o fato de esses verbos possuírem como propriedades essenciais nas suas estruturas lexicais: a) somente acontecerem psicologicamente e b) os experienciadores, tanto na posição sintática de sujeito, como na posição sintática de objeto direto, são sempre [+humanos], que a partir de suas causas internas se envolvem no evento, experienciando, assim, uma mudança psicológica em si mesmos.

a) verbos de estados psicológicos - transitivos diretos, pertencem à classe aspectual dos predicadores estativos [-controlado] como o verbo *amar* em (16). O argumento [+humano], na posição sintática de sujeito, é o experienciador da emoção psicológica.

(16) *João* amou *Maria*.

b) verbos de mudança de estados psicológicos - pertencem à classe aspectual dos predicadores eventivos [-controlado], como o verbo *preocupar* em (17). Os participantes desse predicado são: a) uma entidade x não controladora, origem da mudança de estado e b) uma entidade, objeto dessa mudança. Esses verbos, por indicarem uma mudança de estado, possuem em seu léxico *dois subeventos*: um *causativo* e um *resultativo*, construídos

diferentemente, na sintaxe, de acordo com o subevento representado. Para a apresentação desse léxico na sintaxe, as autoras construíram regras de ligação que devem ser seguidas para que esses verbos, possuidores de dois subeventos, e por isso também são denominados de eventos⁸ complexos, possam estar sintaticamente completos. As regras de ligação são as seguintes:

(i) Regra de Ligação de Causa Imediata

O argumento de um verbo que denota a causa imediata da eventualidade descrita pelo verbo é o seu argumento externo.

A Regra de Ligação de Causa Imediata associa o único argumento desse tipo de verbos, uma *causa interna*, com o argumento de posição externa na estrutura argumental, desde que a ligação do argumento *causa* interno não seja afetado pela introdução da *causa imediata externa* (L&RH, 1995)

(ii) Regra de Ligação de Mudança Direta

O argumento de um verbo que corresponde à entidade que sofre a mudança de estado direta descrita pelo verbo é seu argumento interno direto. (L&RH, 1995)

(iii) Regra Identificação de Subevento

Cada subevento na estrutura do evento modelo deve ser identificado por um predicado na sintaxe.

(iv) Regra de Realização do Argumento

a. Condição de Participante na Estrutura:

Deve haver um argumento XP na sintaxe para cada subevento participante na estrutura do evento complexo.

⁸ RH&L (1999, p. 2) fazem a seguinte observação sobre a palavra evento: “We will restrict the term EVENT to a happening or chain of happenings which can potentially be lexicalized by a verb and its arguments in some natural language, as in the cases of *sauté*, *waltz*, and *juggle*, or by a light verb together with a predicative complement and their arguments; as in the case of *become sick*. The question of which kinds of chains of happenings can be construed as events is an important one, but we will not provide an answer to this question in this paper”.

construção ergativa é um processo sintático aplicado sobre a sentença que consiste na omissão do argumento externo, substituindo-o pelo argumento interno, necessariamente um objeto direto, mantendo suas propriedades semânticas de afetado, sem que ocorra modificação do evento descrito, como em (18):

(18) Maria se preocupou.

Nesse subevento resultativo, construído de forma ergativa, estão aplicadas as regras:

(iii) Cada subevento na estrutura do evento modelo deve ser identificado por um predicado na sintaxe. No caso desse exemplo, o subevento resultativo construído de forma ergativa é identificado pelo predicado *Maria se preocupou*.

(iv) a. Deve haver um argumento XP na sintaxe para cada subevento participante na estrutura do evento complexo. Nesse exemplo, o argumento XP é *Maria*.

(iv) b. Cada argumento XP na sintaxe deve estar associado com um subevento identificado na estrutura do evento. No caso desse exemplo, o argumento *Maria* está identificado com o subevento resultativo.

C) Quando o subevento resultativo é expresso na sintaxe, ele também pode ser apresentado pela construção *passiva adjetival resultativa* (com o verbo *ficar*). Seus participípios como *preocupada* em (19) são, aqui, denominados de *adjetivos resultativos psicológicos*.

(19) Maria ficou *preocupada*.

Nesse subevento resultativo, construído na passiva adjetival resultativa, estão aplicadas as regras:

(iii) Cada subevento na estrutura do evento modelo deve ser identificado por um predicado na sintaxe. No caso desse exemplo, o subevento resultativo construído de forma passiva adjetival resultativa é identificado pelo predicado *Maria ficou preocupada*.

(iv) a. Deve haver um argumento XP na sintaxe para cada subevento participante na estrutura do evento complexo. Nesse exemplo, o argumento XP é *Maria*.

(iv) b. Cada argumento XP na sintaxe deve estar associado com um subevento identificado na estrutura do evento. No caso desse exemplo, o argumento *Maria* está identificado com o subevento resultativo.

Apesar de haver a passiva adjetival resultativa (com o verbo *estar*), o verbo *ficar* caracteriza melhor a mudança de estado. Enquanto o verbo *estar* centra-se somente no estado resultante, o verbo *ficar* trata da existência de um determinado estado produzido pela mudança de estado que é diferente de um estado anterior. Vemos, então, que o verbo *ficar* tem sentido resultativo, havendo enfoque sobre o processo causador.

Este trabalho centra-se nas descrições léxico-semântico-sintáticas dos verbos de estados psicológicos e dos verbos de mudança de estados psicológicos, dando, no entanto, enfoque especial aos últimos, pelo fato de serem os seus participios, denominados aqui de *adjetivos resultativos psicológicos*, como *preocupada / aborrecida*, os elementos que se unem com *-mente* na formação de advérbio de modo.

1.3.2 Propriedades Sintáticas e Semânticas dos Verbos Intrinsecamente Psicológicos L&RH (1995) E L&RH (2002)

Duas classes foram eleitas como classes de verbos intrinsecamente psicológicos: os verbos de estados psicológicos com um experienciador na posição de sujeito como *amar* e os verbos de mudança de estados psicológicos com um experienciador na posição de objeto direto como *preocupar*.

Observemos a construção sintática prototípica dos verbos de estados psicológicos em (20):

- (20) a. A criança teme o cachorro.
- b. O cachorro é temido pela criança.
- c. *O cachorro fica temido com a criança.
- d. *O cachorro se teme.

Em (20), sendo o experienciador, o argumento externo, que realiza o evento verbal como em uma construção transitiva, há a construção da passiva verbal em(20b). Em virtude de o argumento interno *o cachorro* não ser afetado pelo evento verbal, os verbos de estados psicológicos não são construídos na passiva adjetival (20c), nem na construção ergativa (20d), pois essas construções têm como função apresentar o estado do objeto direto modificado.

É fundamental na identificação sintática dos verbos de estados psicológicos os seguintes fatores: não possuem a construção passiva adjetival nem a construção ergativa.

O pronome *se* junto a esses verbos atua como um genuíno reflexivo, isto é, torna o sujeito em *agente* e *paciente* do mesmo processo verbal, havendo modificação do evento descrito, inaceitável em (20d), mas aceitável em (21b):

(21) a. João amou Maria.

b. Maria se amou.

Vejamos a construção sintática prototípica dos verbos de mudanças de estados psicológicos em (22):

(22) a. A chuva com granizo desesperou Maria.

b. *Maria foi desesperada.

c. Maria ficou desesperada.

d. Maria se desesperou.

Em (22), percebemos que o *desespero de Maria* é motivado por suas causas internas, enquanto *a chuva com granizo* é apenas a causa imediata externa (regra i), dessas causas internas que trazem o sentimento de desespero à *Maria*.

Portanto, em virtude de o argumento externo *a chuva com granizo* não ser a causa real da modificação do estado psicológico de *Maria*, e sim apenas a causa imediata externa, exigida pela estrutura lexical dos verbos de mudança de estados psicológicos, esses verbos não são construídos na passiva verbal (22b). Como há mudança de estado psicológica nos experienciadores, apresentados na posição sintática de objeto direto, a sentença é construída na passiva adjetival resultativa (22c) e na construção ergativa (22d) que têm como função apresentar o estado do objeto direto modificado.

Em razão de o experienciador [+humano], na posição sintática de objeto direto, ser afetado, os verbos de mudança de estados psicológicos são estruturados nas construções

ergativas com o falso pronome reflexivo *se*. O falso pronome reflexivo *se*, nas construções ergativas, é visto como a causa interna do objeto direto que provoca a sua mudança de estado. É fundamental na identificação sintática dos verbos de mudança de estados psicológicos os seguintes fatores: não possuem a construção passiva verbal, possuem a construção passiva adjetival resultativa e a construção ergativa com o falso objeto reflexivo *se*.

1.4 VERBOS DE COMPORTAMENTO VARIÁVEL

Em L&RH (1995), um único verbo poder ser associado a uma extensão de significados que diferem precisamente nos aspectos sintáticos relevantes a cada significado, isto é, um verbo associado a uma extensão de significados é também encontrado em uma extensão de configurações sintáticas compatíveis com os vários significados associados a esse verbo. Como cada significado é correlato ao comportamento sintático apropriado, uma análise cuidadosa dos diferentes significados associados a tal verbo facilita a identificação dos aspectos sintáticos relevantes a cada um desses significados. As autoras denominam os verbos que apresentam esse comportamento de verbos de comportamento variável.

1.4.1 Propriedades Sintáticas e Semânticas dos Verbos de Comportamento Variável

Há verbos de comportamento variável que possuem uma entrada lexical para mudanças de estados psicológicos e outra entrada lexical para sentido não psicológico, havendo variação de configurações sintáticas compatíveis com os vários significados associados a esses verbos. Os comportamentos sintáticos divergentes neles encontrados permitem não só identificá-los como verbos não intrinsecamente psicológicos, como também identificar as relações sintáticas e semânticas que se estabelecem entre os seus vários significados verbais.

Os verbos não intrinsecamente psicológicos com uma entrada lexical no sentido não psicológico podem ser:

(a) *verbos causativos diretos não psicológicos*, cuja estrutura lexical admite argumentos [+ ou – animados] tanto na posição de sujeito como na posição de objeto direto. No entanto, os objetos diretos devem ser afetados. Esses verbos causativos se diferenciam dos

verbos de mudança de estados psicológicos, também causativos, em virtude de acontecerem na construção passiva verbal e apresentarem causações, cujos resultados, acontecem imediatamente após a causação. É fundamental na identificação sintática dos *verbos causativos diretos não psicológicos* os seguintes fatores: possuem a construção passiva verbal, a construção passiva adjetival e possuem a construção ergativa com ou sem o falso pronome reflexivo *se*.

Observemos as sentenças em (23) e (24):

(23) a. O vento embaraçou a linha.

b. A linha foi embaraçada.

c. A linha ficou embaraçada.

d. A linha se embaraçou.

(24) a. O comportamento de João embaraçou Maria.

b. *Maria foi embaraçada pelo comportamento de João.

c. Maria ficou embaraçada com o comportamento de João.

d. Maria se embaraçou.

O verbo *embaraçar* é um verbo de comportamento variável. Em (23), esse verbo tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico, possuindo o significado de *emaranhar* e, em (24), esse verbo tem entrada para verbo de mudança de estado psicológico, possuindo o significado de *envergonhar*.

a) *verbos transitivos agentivos*, cuja estrutura lexical exige um argumento externo [+animado], admitindo, no entanto, argumentos [+ ou – animados] na posição sintática de objeto direto, não havendo exigência que esse objeto seja um argumento afetado.

Observemos as sentenças em (25) e (26):

(25) a. João iludiu Maria.

b. Maria foi iludida.

c. ? Maria ficou iludida.

d. *Maria se iludiu.

- (26) a. O escuro iludiu Maria.
 b.*Maria foi iludida pelo escuro.
 c. Maria ficou iludida com o escuro.
 d. Maria se iludiu.

Em (25), *iludir* significa enganar a outrem. Nesse caso, o experienciador para ser iludido, não se envolve no evento com suas *causas internas*. Alguém para ser iludido, embromado, enganado, tem que acreditar e para isso não necessita de suas *causas internas*, uma vez que se pode estabelecer como verdade tudo que descreve possíveis estados de objetos e seres no mundo. Nesse caso, o verbo *iludir* tem entrada lexical para verbo transitivo agentivo que pode ser estruturado na construção ativa (25a), construção passiva verbal (25b), construção passiva adjetival (25c), mas não pode ser estruturado na construção ergativa (25d).

Em (26), o verbo *iludir* tem entrada lexical para verbo de mudança de estado psicológico, uma vez que foram as *causas internas* do experienciador que o fizeram ser afetado. É estruturado na construção ativa (26a), na construção passiva adjetival (26c) e na construção ergativa (26d), mas não é estruturado na construção passiva verbal (26b).

A partir das construções sintáticas dos verbos causativos diretos não psicológicos, em (23), e verbos transitivos agentivos, em (25), analisaremos os verbos da Classe 3 e da Classe 4 citados em Cançado (2000).

1.5 ANÁLISE DAS CLASSES 3 E 4 DOS VERBOS PSICOLÓGICOS DE CANÇADO

As diferenças semânticas verbais observadas por Cançado (2000) possibilitaram que fossem encontradas não só duas classes de verbos psicológicos, mas quatro classes. As Classes 3 e 4 de Cançado são compostas por verbos que possuem mais de uma entrada lexical, sendo que uma dessas entradas lexicais tem o sentido de mudança de estado psicológico. É necessário observar que as diferenças semânticas nos verbos dessas classes que, conseqüentemente, possuem estruturas sintáticas diferentes, são indícios de que esses verbos não são intrinsecamente psicológicos.

1.5.1 Análise dos Verbos da Classe 3

Com o objetivo de identificar os verbos intrinsecamente psicológicos, referindo-se especificamente aos verbos de mudança de estados psicológicos, que aceitam como sujeito

um argumento [+ ou - animado], no entanto, só aceitam argumentos [+humanos] na posição sintática de objeto direto, não possuem em sua estrutura sintática a construção passiva verbal, possuem a construção passiva adjetival e sempre possuem a construção ergativa com o falso pronome reflexivo *se*, vamos analisar as Classes 3 e 4 dos verbos psicológicos propostos por Cançado (2000).

Começamos, então, a análise dos verbos da Classe 3 aqui repetidos (*abrandar, aplacar, conquistar, derrotar, desenganar, embromar, honrar, humilhar, martirizar, pacificar, provocar, reconfortar, serenar, suavizar, tranquiliza, acalmar*, etc.). Vejamos os exemplos em (27-42):

- (27) a. A brisa do mar abrandou o calor.
 b. O calor foi abrandado.
 c. O calor ficou abrandado.
 d. *O calor abrandou-se.

O verbo em (27) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto direto. O verbo *abrandar* é um verbo causativo direto não psicológico.

- (28) a. A água aplacou a sede.
 b. A sede foi aplacada.
 c. A sede ficou aplacada.
 d.*A sede aplacou-se.

O verbo em (28) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto direto. O verbo *aplar* é um verbo causativo direto não psicológico.

- (29) a. Os jogadores brasileiros conquistaram os títulos/ as mulheres.
 b. Os títulos / foram conquistadas/ as mulheres.
 c. Os títulos / ficaram conquistados/ as mulheres
 d. *Os títulos conquistaram-se/ *as mulheres se conquistaram.

O verbo em (29) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto direto. O verbo *conquistar* é um verbo transitivo agentivo.

- (30) a. O boxeador derrotou o adversário.
 b. O adversário foi derrotado.
 c. O adversário ficou derrotado.
 d. * O adversário derrotou-se.

O verbo em (30) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *derrotar* é um verbo transitivo agentivo.

- (31) a. Os médicos desenganaram o moribundo / a lei.
 b. O moribundo / a lei foi desenganado(a).
 c. O moribundo / a lei ficou desenganado(a).
 d. *O moribundo / *a lei desenganou-se.

O verbo em (31) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *desenganar* é um verbo transitivo agentivo.

- (32) a. O vigarista embromou a Receita Federal/Maria.
 b. A Receita Federal foi embromada/Maria.
 c. A Receita Federal ficou embromada/Maria.
 d. *A Receita Federal embromou-se/*Maria embromou-se.

O verbo em (32) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *embromar* transitivo agentivo.

Embromar significa enganar. Maria, no caso, para ser embromada, não se envolve no evento com suas *causas internas*. Alguém para ser embromado, enganado, iludido tem que acreditar e para isso não necessita de suas *causas internas*, pois se pode estabelecer como verdade algo que descreve possíveis estados de objetos e seres no mundo.

- (33) a. Os bons políticos honram os compromissos.
 b. Os compromissos foram honrados.
 c. Os compromissos ficaram honrados.
 d. * Os compromissos honram-se.

O verbo em (33) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *honrar* é um verbo transitivo agentivo.

- (34) a. Luiz humilhou Maria / meu trabalho.
 b. Maria / o trabalho foi humilhada (o).
 c. ≠Maria / o trabalho ficou humilhada (o).
 d. *Maria humilhou-se. / *O trabalho humilhou-se. (construção ergativa)
 e. Maria humilhou-se para conseguir o emprego.
 (sujeito agentivo - constr. causativa reflexiva)

O verbo em (34) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *humilhar* é um verbo transitivo agentivo.

O verbo *humilhar* tem semelhanças com os verbos *achincalhar*, *zombar*, *ridicularizar*, isto é, o fato de eles acontecerem não garantem a mudança de estado no objeto, pois o ato desses verbos centra-se apenas no sujeito, no caso, *Luiz* em (34a).

Observemos a diferença que há entre o verbo *humilhar* e o verbo intrinsecamente psicológico *preocupar*: “João humilhou Maria, mas ela não se sentiu humilhada” e “João preocupou Maria, *mas ela não se sentiu preocupada”.

- (35) a. Os criminosos/Os sapatos martirizaram Maria.
 b. Maria foi martirizada.
 c. Maria ficou martirizada.
 d. *A vítima martirizou-se. (construção ergativa)
 e. A vítima martirizou-se para pagar seus pecados.
 (sujeito agentivo - constr. causativa reflexiva)

O verbo em (35) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *martirizar* é um verbo causativo direto não psicológico.

- (36) a. A disciplina rígida/O padre pacificou as atitudes violentas.
 b. As atitudes violentas foram pacificadas.
 c. As atitudes violentas ficaram pacificadas.
 d. *As atitudes violentas pacificaram-se.

O verbo em (36) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para verbos de mudança de estados psicológicos, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *pacificar* é um verbo transitivo agentivo.

- (37) a. O acidente provocou vários ferimentos.
 b. Vários ferimentos foram provocados.
 c. Vários ferimentos ficaram provocados.
 d. *Vários ferimentos se provocaram.

O verbo *provocar* em (37) é um verbo causativo. Ele pode significar a provocação de estados físicos ou de outros estados. Não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *provocar* é um verbo causativo direto não psicológico.

- (38) a. A água morna reconfortou os meus pés cansados.
 b. Meus pés cansados foram reconfortados.
 c. Meus pés cansados ficaram reconfortados.
 d.*Meus pés se reconfortaram.

O verbo em (38) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *reconfortar* é um verbo causativo direto não psicológico.

- (39) a. A água suavizou a cor.
 b. A cor foi suavizada.

- c. A cor ficou suavizada.
- d. *A cor se suavizou.

O verbo em (39) não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada lexical para mudança de estado psicológico, com o experienciador na posição sintática de objeto direto. O verbo *suavizar* é um verbo causativo direto não psicológico.

- (40) a. Esse analgésico serenou as dores.
- b. As dores foram serenadas pelo analgésico.
- c. As dores ficaram serenas com o analgésico
- d. *As dores se serenaram.

- (41) a. O feriado / acalmou o trânsito.
- b. O trânsito foi acalmado pelo feriado.
- c. O trânsito ficou calmo com o feriado.
- d. *O trânsito se acalmou.

- (42) a. O pouco tráfego tranqüilizou as ruas.
- b. As ruas foram tranqüilizadas pelo pouco tráfego.
- c. As ruas ficaram tranqüilas com o pouco tráfego.
- d. *As ruas se tranqüilizaram.

Os verbos *serenar*, *acalmar* e *tranqüilizar*, nos exemplos (40), (41) e (42), são construídos com base em adjetivos que são co-ocorrentes de substantivos que envolvem praticamente todo o eixo lexical, referindo-se a diversos tipos de entidades (*uma pessoa serena/calma/tranqüila*, *um mar sereno/calmo/tranqüilo*, *um trânsito sereno/ calmo/tranqüilo*, *uma tarde serena/calma/tranqüila*).

Quando usados como *verbos causativos diretos não psicológicos* referentes a argumentos (- animados), as construções com esses verbos são iguais às com outros verbos causativos diretos não psicológicos. No entanto, há a peculiaridade de a sua construção passiva adjetival ser feita com o adjetivo “puro” como em (43c):

- (43) a. O feriado / acalmou / tranqüilizou o trânsito.
- b. O trânsito foi serenado/ acalmado / tranqüilizado pelo feriado.

- c. O trânsito ficou sereno/ calmo / tranqüilo com o feriado.
- d. *O trânsito se serenou/*se acalmou / *se tranqüilizou.

Quando usados num sentido psicológico, sua construção sintática é diferente dos outros verbos de mudança de estados psicológicos. As diferenças encontram-se na aceitação da passiva verbal (44b) e na passiva adjetival resultativa que é realizada com o adjetivo “puro” em (44c):

- (44) a. A notícia serenou/ acalmou / tranqüilizou as pessoas.
- b. As pessoas foram serenadas/ acalmadas / tranqüilizadas pela notícia.
- c. As pessoas ficaram serenas/ calmas / tranqüilas com a notícia.
- d. As pessoas se serenaram/se acalmaram/se tranqüilizaram.

Os verbos *serenar*, *acalmar* e *tranqüilizar* são verbos de comportamento variável, sendo que podem ser construídos como verbos causativos diretos não psicológicos em (40), (41) e (42), como podem ser construídos como verbos de mudança de estados psicológicos em (44). Como a sua passiva resultativa é construída com adjetivos “puros”, assim também são construídos seus advérbios em *-mente*. Observemos a sentença em (45):

- (45) Maria respondeu serenamente, calmamente, tranqüilamente às respostas.

O fato de esses verbos serem construídos na passiva verbal impossibilitaria que os seus participios adjetivais fizessem a junção com *-mente*, uma vez que esses participios adjetivais seriam derivados da passiva verbal. No entanto, como não há tais participios adjetivais e sim adjetivos “puros” é possível a formação do advérbio de modo em (45). A diferença que há entre os participios adjetivais derivados do participio verbal e os participios adjetivais derivados do léxico é estudada na seção 3.5 do capítulo 3.

Os verbos dos exemplos (29), (30), (31), (32), (33), (34) e (36) possuem apenas uma entrada lexical para o sentido de verbos transitivos agentivos, que exigem um sujeito [+ animado], não fazem nenhuma exigência quanto à natureza do objeto, se [+ ou – animado], e não podem ser estruturados na construção ergativa.

Os verbos dos exemplos (27), (28), (35), (37), (38) e (39) têm apenas uma entrada lexical com sentido de verbos causativos diretos não psicológicos. Esses verbos podem ser construídos na passiva verbal e em virtude de os objetos diretos serem afetados, são

construídos na passiva adjetival e na construção ergativa que têm como função apresentar o estado do objeto após a afetação, havendo a possibilidade de a construção ergativa acontecer com ou sem o falso pronome reflexivo *se*.

Os verbos dos exemplos (40), (41) e (42) são verbos de comportamento variável, têm uma entrada lexical para verbos causativos diretos não psicológicos e uma entrada para verbos de mudança de estados psicológicos.

Em suma, após terem sido analisados semântica e sintaticamente os verbos da Classe 3 de Cançado (2000), chegamos à conclusão de que nenhum deles é verbo intrinsecamente psicológico, uma vez que alguns deles são somente verbos transitivos agentivos, enquanto há outros verbos que são somente verbos causativos diretos não psicológicos e outros verbos de comportamento variável.

1.5.2 Análise dos Verbos da Classe 4

Analisemos nas sentenças em (46-60) os verbos da Classe 4 (*alarmar, apavorar, atormentar, consolar, desiludir, embaraçar, entusiasmar, fascinar, fortalecer, importunar, influenciar, intimidar, motivar, reanimar*) propostos por Cançado (2000), para ver, como fizemos na seção anterior, se há dentre eles, algum que seja intrinsecamente psicológico.

- (46) a. O apito do trem alarmou os cachorros.
 b. Os cachorros foram alarmados.
 c. Os cachorros ficaram alarmados.
 d. Os cachorros se alarmaram.

O verbo *alarmar* é um verbo de comportamento variável. Esse verbo tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico e entrada lexical para verbo de mudança de estado psicológico.

- (47) a. A tempestade apavorou as crianças.
 b. *As crianças foram apavoradas pela tempestade.
 c. As crianças ficaram apavoradas com a tempestade.
 d. As crianças se apavoraram.

O verbo em (47) é intrinsecamente psicológico. Somente seres humanos podem sentir pavor. Para algo sentir pavor de alguma coisa, é preciso haver *causas internas* psicológicas que propiciem esse sentimento psicológico. Algumas crianças podem ter esse sentimento, enquanto outras não. O verbo *apavorar* é um verbo de mudança de estado psicológico.

- (48) a. O menino atormentou o gato.
 b. O gato foi atormentado.
 c. O gato ficou atormentado.
 d. *O gato se atormentou.

O verbo *atormentar* é um verbo de comportamento variável. Esse verbo tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico e para verbo de mudança de estado psicológico.

- (49) a. O potente analgésico consolou a dor.
 b. A dor foi consolada.
 c. A dor ficou consolada.
 d.*A dor se consolou.

O verbo *consolar* é um verbo de comportamento variável. Esse verbo tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico e para verbo de mudança de estado psicológico.

- (50) a. As mentiras de João iludiram Maria.
 b. Maria foi iludida.
 c. ? Maria ficou iludida.
 d. *Maria se iludiu.

- (50') a. O escuro iludiu Maria.
 b.*Maria foi iludida pelo escuro.
 c. Maria ficou iludida com o escuro.
 c. Maria se iludiu.

O verbo *iludir* é um verbo de comportamento variável. Em (50), esse verbo tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico, pois possui o significado de *enganar*,

embromar, não necessitando das *causas internas* do experienciador para que ele seja afetado. Em (50'), esse verbo tem entrada lexical para verbo de mudança de estado psicológico.

- (51) a. O vento embaraçou a linha.
 b. A linha foi embaraçada pelo vento.
 c. A linha ficou embaraçada com o vento.
 d. A linha se embaraçou.

O verbo *embaraçar* é um verbo de comportamento variável. Esse verbo tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico e para verbo de mudança de estado psicológico.

- (52) a. A notícia entusiasmou João.
 b. *João foi entusiasmado pela notícia.
 c. João ficou entusiasmado com a notícia.
 d. João se entusiasmou.

O verbo em (52) é intrinsecamente psicológico. Somente seres humanos podem sentir entusiasmo. O verbo *entusiasmar* é um verbo de mudança de estado psicológico.

- (53) a. A música fascinou João.
 b. *João foi fascinado pelo música.
 c. João ficou fascinado com a música.
 d. João fascinou-se.

O verbo em (53) é intrinsecamente psicológico. Somente seres humanos podem sentir fascínio. O verbo *fascinar* é um verbo de mudança de estado psicológico.

- (54) a. As grades de ferro fortaleceram o muro.
 b. O muro foi fortalecido pelas grades de ferro.
 c. O muro ficou fortalecido com as grades de ferro.
 d. *O muro se fortaleceu.

O verbo *fortalecer* não é um verbo de comportamento variável. Esse verbo apenas tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico.

- (55) a. O pernilongo importunou o meu sono.
 b. O meu sono foi importunado.
 c. O meu sono ficou importunado.
 d. * O meu sono se importunou.

O verbo *importunar* é um verbo de comportamento variável. Esse verbo tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico e para verbo de mudança de estado psicológico.

- (56) a. O desmatamento influenciou a temperatura global.
 b. A temperatura global foi influenciada.
 c. A temperatura global ficou influenciada.
 d.*A temperatura global se influenciou.

O verbo *influenciar* é um verbo de comportamento variável. Esse verbo tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico e para verbo de mudança de estado psicológico.

- (57) a. O mafioso intimidou a lei.
 b. A lei foi intimidada.
 c. A lei ficou intimidada.
 d. *A lei se intimidou.

O verbo *intimidar* não é um verbo de comportamento variável. Esse verbo apenas tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico.

- (58) a. O calor forte motivou a chuva.
 b. A chuva foi motivada.
 c. A chuva ficou motivada.
 d. *A chuva se motivou.

O verbo *motivar* em (58) é um verbo causativo. Ele pode significar a motivação de estados físicos ou de outros estados. Não pode ser considerado verbo de comportamento variável, pois não tem entrada para verbos de mudança de estados psicológicos, com o experienciador na posição sintática de objeto. O verbo *motivar* acontece somente com verbos causativos diretos não psicológicos. Esse caso é semelhante ao verbo *provocar* em (37).

- (59) a. Os bons argumentos reanimaram o debate.
 b. O debate foi reanimado.
 c. O debate ficou reanimado.
 d. *O debate se reanimou.

O verbo *reanimar* não é um verbo de comportamento variável. Esse verbo apenas tem entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico.

O verbo do exemplo (58) tem apenas uma entrada lexical para verbo causativo direto não psicológico, podendo ser construído na passiva verbal e, em virtude de o objeto direto ser afetado. É estruturado na construção passiva adjetival e na construção ergativa que têm como função apresentar o estado do objeto após a afetação, havendo a possibilidade de haver a construção ergativa com e sem o falso pronome reflexivo *se*.

Já os verbos dos exemplos (46), (48), (49), (50), (51), (54), (55), (56), (57) e (59) são verbos de comportamento variável, além de possuírem uma entrada lexical causativa direta não psicológica, possuem também uma entrada lexical para verbos de mudança de estados psicológicos. Por essa razão também possuem a estrutura sintática dos verbos de mudança de estados psicológicos, isto é, aceitam como sujeito um argumento externo [+ ou - animado], no entanto só aceitam argumentos [+humanos] na posição sintática de objeto direto. Não possuem em sua estrutura sintática a construção passiva verbal e sempre possuem a construção ergativa com o falso pronome reflexivo *se*.

Analisados semântico e sintaticamente os verbos da Classe 4 de Cançado (2000), chegamos à conclusão de que os verbos *apavorar*, em (47), *entusiasmar*, em (52), e *fascinar*, em (53), são verbos intrinsecamente psicológicos.

Para comprovar a constatação de os verbos *apavorar*, *entusiasmar* e *fascinar* são intrinsecamente psicológicos, analisaremos o exemplo (60):

- (60) a. A tempestade apavorou/entusiasmou/fascinou João.
 b. *João foi apavorado/entusiasmado/fascinado pela tempestade.
 c. João ficou apavorado/entusiasmado/fascinado com a tempestade.
 d. João apavorou-se/entusiasmou-se/fascinou-se.

Como já foi visto, as *causas internas* dos experienciadores, [+humanos] são o real motivo de haver ou não mudança de estado psicológico dos verbos de mudança de estados psicológicos frente à causa imediata externa (regra i). Pelo fato de a causa imediata externa

não ser a real causadora da mudança, e sim apenas o elemento deflagrador dessa mudança de estado psicológico, não há a passiva verbal em (60b). Como há mudança de estado psicológico no experienciador, apresentado na posição sintática de objeto direto, há a passiva adjetival resultativa em (60c). O fato de terem sido as *causas internas* o motivo da mudança de estado psicológico do experienciador reflete-se na construção ergativa com o falso pronome reflexivo *se*.

1.6 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste primeiro capítulo, apresentamos diversas abordagens sobre os verbos psicológicos, visando mostrar diferentes análises e tentativas de explicar o comportamento anômalo desses verbos.

Sendo os verbos de estados psicológicos os que possuem o experienciador [+humano] situado na posição sintática de sujeito, que experiencia o evento psicológico a partir de suas *causas internas*, e os verbos de mudança de estados psicológicos os que possuem o experienciador [+humano] situado na posição sintática de objeto, que também experiencia o evento psicológico a partir de suas *causas internas*, os critérios para a análise dos verbos de estados psicológicos e verbos de mudança de estados psicológicos fundamentaram-se, primeiramente, na diferença que há entre eles na sintaxe, em virtude de a estrutura lexical dos verbos de mudança de estados psicológicos permitir que se apresentem, na construção transitiva, argumentos [+ ou – animados] como uma causa imediata externa da mudança de estado, enquanto a estrutura lexical dos verbos de estados psicológicos não permite.

A partir dessa diferença, vimos que a estrutura semântico-sintática desses verbos também se baseia na classe aspectual a que pertencem. Enquanto os verbos de estados psicológicos baseiam seu comportamento semântico-sintático de acordo com a classe aspectual estado, os verbos de mudança de estados psicológicos baseiam seu comportamento semântico-sintático de acordo com a classe aspectual dos eventos.

A seguir, foram analisados verbos considerados de comportamento variável. Segundo L&RH (1995), verbos de comportamento variável são os que possuem mais de uma entrada lexical com diferenças semântico-sintáticas de acordo com o significado que denotam. Verbos com esse comportamento foram aqui analisados, através de suas representações semântico-sintáticas, para podermos identificar os verbos que são

intrinsecamente psicológicos. Nossa intenção, no caso, foi identificar os verbos intrinsecamente psicológicos com o sentido dos verbos de mudança de estados psicológicos.

Alguns verbos de comportamento variável são verbos causativos diretos não psicológicos. As diferenças em suas estruturas semântico-sintáticas nos possibilitaram descartá-los de serem verbos intrinsecamente psicológicos.

No Capítulo 2, a natureza dos argumentos dos verbos intrinsecamente psicológicos terá um estudo sintático-semântico mais aprofundado. Este capítulo apresentará as construções sintáticas dos verbos intrinsecamente psicológicos, as *causas internas* desses verbos, a propriedade da duração temporal das experiências psicológicas e a possibilidade de haver a propriedade *controle* das experiências psicológicas. Analisaremos também os motivos de existirem construções ergativas com o falso pronome reflexivo *se* e sem o falso pronome reflexivo *se*.

CAPÍTULO 2

PROPRIEDADES SEMÂNTICO-SINTÁTICAS DOS VERBOS PSICOLÓGICOS

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo, fazemos uma síntese das propriedades sintáticas atribuídas aos verbos intrinsecamente psicológicos, com base em critérios semântico-aspectuais. Para tal, analisamos as propriedades lexicais de cada um desses predicados psicológicos e conseqüentemente explicitamos suas características semântico-aspectuais. As autoras L&RH (1995, 1999, 2002), RH&L (1999) mostram, através de suas análises, serem essas as razões de os verbos de estados psicológicos e de os verbos de mudança de estados psicológicos possuírem diferenças em suas representações sintáticas.

2.2 OS VERBOS DE ESTADOS PSICOLÓGICOS

O experienciador dos verbos de estados psicológicos é uma entidade que experiencia uma afetação: “The correlation between affectedness and direct argumenthood has led the idea expressed in the literature that affectdeness correlates with transitivity (Hopper&Thompson, 1980 *apud* Tenny (1994, p.164)).

Assim, segundo Hopper&Thompson (1980), os verbos de estados psicológicos são considerados transitivos pela afetação do experienciador, afetação essa que ocorre em virtude de *causas internas* do experienciador.

Pelo fato de a construção transitiva dos verbos de estados psicológicos não corresponder ao protótipo de transitividade, pois em vez de a afetação verbal se dar nos objetos diretos, ela se dá nos sujeitos, esses verbos constituem um exemplar marginal, sem que por isso seja necessário excluí-los da classe das transitivas.

Os verbos de estados psicológicos pertencem à classe aspectual estado, à qual é atribuída uma propriedade não dinâmica, significando que nenhuma das entidades envolvidas no evento sofre alteração durante o intervalo de tempo em que tais estados de coisas têm lugar. Assim, é possível perceber que a aspectualidade estado desses verbos, como *amar* ou *detestar*, prende-se à propriedade do objeto, uma vez que ele não é alterado pelo evento verbal, e não à própria natureza do papel semântico experienciador. A própria definição experienciador significa aquele que experiencia alguma coisa e experienciar envolve dinamicidade.

Sendo o experienciador o argumento externo que realiza o evento verbal como em uma construção transitiva, há a construção da passiva verbal. No entanto, como o objeto direto dos verbos de estados psicológicos não sofre nenhuma afetação, não há as construções da passiva adjetival, nem a ergativa, que têm como função expor a afetação do objeto direto.

A partir dos fatos agora apresentados, ficam assim determinadas as construções sintáticas prototípicas dos verbos de estados psicológicos: tais verbos ocorrem na construção ativa (1a), na construção passiva verbal em (1b), não ocorrem na construção ergativa (1c) e não ocorrem na passiva adjetival em (1d):

- (1) a. Maria ama o gato.
- b. O gato é amado.
- c. *O gato se ama. (impossível como ergativa)
- d. *O gato fica amado.

2.3 OS VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADOS PSICOLÓGICOS: EVENTOS COMPLEXOS – RH&L (1999) e L&RH (2002)

As emoções dos verbos de mudança de estados psicológicos como *assustar*, *preocupar*, *aborrecer*, *desesperar*, também causadas internamente, diferentemente dos verbos

de estados psicológicos, podem apresentar na sintaxe uma causa imediata externa, a deflagradora do evento verbal.

Os verbos de mudança de estados psicológicos possuem dois subeventos em seu léxico: o causativo e o resultativo. Assim, podem se apresentar na sintaxe em uma construção transitiva com um argumento causador imediato externo da mudança de estado, como também podem se apresentar em uma construção resultativa. Devido a essas possibilidades lexicais, os verbos de mudança de estados psicológicos são também denominados de eventos complexos. Analisemos detalhadamente esses dois subeventos verbais em (i) e (ii).

i) O subevento causativo é expresso, na sintaxe, através da construção transitiva causativa com um argumento causador imediato externo da mudança de estado, em (2a), podendo também ocorrer que com o sintagma preposicional *com* em (2b).

Essa construção transitiva centra-se na causativização, embora o estado resultante também esteja implícito. Podemos decompor a construção transitiva numa estrutura conceitual do tipo (X CAUSA (Y estar em determinado estado psicológico)).

As construções transitivas causativas têm argumentos externos [+ ou – animado]. Segundo a *Regra de Ligação Imediata*, a causa imediata externa é o argumento externo associado ao único argumento dos verbos de mudança de estados psicológicos, uma *causa interna*.

(2) a. Histórias de crianças órfãs comoveram Maria.

b. João comoveu Maria com histórias de crianças órfãs.

Histórias de crianças órfãs é a causa imediata externa em (2a) e *João* é a causa imediata externa em (2b).

ii) Na estrutura sintática do subevento resultativo, o argumento participante como objeto direto no subevento causativo realiza-se na posição de sujeito. Nesse segundo subevento, manifesta-se um sentido de passividade decorrente do fato de o sujeito ser paciente de uma mudança de estado indicada pelo verbo. Esse subevento é expresso na sintaxe através de duas construções:

a) construção ergativa⁹ resultativa: centra-se no estado resultante, embora esteja implícito um processo causador, como vemos em (3):

(3) Maria se comoveu.

b) construção passiva adjetival resultativa (com o verbo *ficar*): centra-se no estado resultante com enfoque sobre o processo de mudança, uma vez que o verbo *ficar* tem sentido resultativo, como exemplifica a sentença em (4):

(4) Maria ficou comovida.

2.3.1 Relações Sintáticas e Semânticas entre os Subeventos dos Verbos de Mudança de Estados Psicológicos

Nos verbos de mudança de estados psicológicos, segundo L&RH (2002), tanto o subevento causativo como o subevento resultativo devem ser: i) sintaticamente completos e ii) independentes temporalmente. Observemos essas duas evidências em um evento complexo apresentado em (5):

- (5) a. Atos violentos apavoram as pessoas. (construção transitiva)
 b. As pessoas se apavoram. (construção ergativa resultativa)
 c. As pessoas ficam apavoradas. (passiva adjetival resultativa)

Vejamos, em (5), a análise da primeira evidência, ou seja, a necessidade de os subeventos serem sintaticamente completos:

a) O subevento causativo (5a) é sintaticamente completo com sujeito (*atos violentos*) e objeto direto (*as pessoas*).

⁹ As autoras L&RH usam o termo *resultativa reflexiva*. Por opção, usaremos o termo *ergativa*.

b) O subevento resultativo representado pela construção ergativa resultativa, para ser sintaticamente completo, necessita do falso objeto reflexivo *se*, ficando, assim, constituído de sujeito (*as pessoas*) e do falso objeto reflexivo (*se*)¹⁰.

c) O subevento resultativo representado pela construção passiva adjetival resultativa está sintaticamente completo com o sujeito passivo e predicativo.

Analisemos, agora, na sentença (5), a segunda evidência, isto é, o fato de serem temporalmente independentes:

a) O subevento causativo *atos violentos* em (5a) acontecem. Como o subevento causativo necessariamente tem que acontecer antes do subevento resultativo, ele independe do subevento resultativo para acontecer.

b) O subevento resultativo representado pelas construções ergativa resultativa (5b) e passiva adjetival resultativa (5c) se dão após os *atos violentos* terem acontecido. No entanto, as pessoas podem ter-se apavorado ou ficaram apavoradas em um momento não imediatamente posterior ao subevento causativo (*atos violentos*). Elas podem ter tomado conhecimento desse fato muito tempo depois, e, então, ao saberem, apavoraram-se; ou, ainda, elas se apavoram toda vez que se lembram desses *atos violentos*, o que pode acontecer muitas vezes depois desses *atos violentos* terem ocorrido. Isso demonstra que o subevento resultativo não precisa ser temporalmente simultâneo ou imediatamente posterior ao subevento causativo.

2.4 OS EXPERIENCIADORES PSICOLÓGICOS E A PROPRIEDADE CONTROLE

Cançado (1995, 2000) afirma que o experienciador possui controle sobre suas mudanças psicológicas, mesmo ele sendo um argumento afetado. Essa posição teórica demonstra a necessidade de mais investigações. Faremos algumas análises a seguir.

Começemos com os verbos de estados psicológicos e a experiência dos estados de *amar*, *odiar*, etc. Para que possam ocorrer esses estados de *amar*, *odiar*, etc., é preciso existir no experienciador causas internas que permitem a existência desses estados.

¹⁰ Esse objeto é denominado de falso objeto reflexivo, uma vez que o genuíno pronome reflexivo *se* expressa a agentividade do sujeito como em *João penteou-se para sair*, o que não acontece com *As pessoas apavoram-se para exigir medidas de segurança*. Nessa última construção, fica patente a falta de agentividade do sujeito e a função não reflexiva do pronome *se*.

Em, por exemplo, *João ama Maria*, as *causas internas* de *João* despertam nele esse sentimento. Digamos que as *causas internas* que deflagram o amor em *João* sejam a beleza, a ingenuidade e a fragilidade, características essas que, porventura, *Maria* possui. Pelo fato de *Maria* apresentar as *causas internas* que deflagram o sentimento do amor em *João*, ele a ama e não deixará de amá-la se ele continuar a valorizar essas características e se *Maria* as continuar apresentando. Podemos dizer que as pessoas amam as outras não pelo que as outras realmente são e sim pelo que é encontrado nessas pessoas e que vem ao encontro das *causas internas* dos amantes.

João só deixará de amar *Maria* se as suas *causas internas*, que despertam o sentimento do amor, mudarem. Pode ser que, ao longo do tempo, ele perceba que a beleza é algo supérfluo e que a ingenuidade e a fragilidade trazem-lhe mais responsabilidades e passe a valorizar outras características como segurança, independência, possibilidade de compartilhar responsabilidades. Um outro motivo que também pode fazer *João* deixar de amar *Maria* é o fato de ela não mais apresentar as características pelas quais ele a amou um dia.

Essas situações mostram que as *causas internas* que fazem alguém experienciar ou não algum sentimento são muito pessoais e intrínsecas e, às vezes, até desconhecidas pelo próprio experienciador. Muitas vezes, não entendemos como alguém pode amar uma pessoa agressiva, em virtude de estarmos vendo a situação da convivência a partir das nossas *causas internas*. No entanto, há pessoas que convivem a vida inteira com pessoas agressivas e são felizes. As *causas internas* que lhes dão prazer e que validam a continuidade desse relacionamento podem ser várias, como gostar de sentir-se subjugada, gostar do sentimento de se auto-vitimar, gostar de sentir a compaixão dos outros, gostar de ver o parceiro arrepender-se e humilhar-se, etc.

Continuemos essa análise em relação aos verbos de mudança de estados psicológicos, verbos em que o experienciador possui uma causa imediata externa, avaliada por ele através de suas *causas internas*, que pode levá-lo ou não a uma mudança de estado.

Essa avaliação feita pelo experienciador acontece inconscientemente, isto é, caso haja *causas internas* nesse experienciador para que determinada situação o afete, ele, certamente, será afetado pelo fato de as emoções acontecerem nos seres humanos por razões que lhes são particularmente intrínsecas.

A diferença não é haver controle ou falta de controle sobre a mudança psicológica. A diferença é que há, em alguns experienciadores, *causas internas* que lhes possibilitam ser afetados por determinadas causas imediatas externas, enquanto que em outros, pela falta das *causas internas*, não são afetados pelas mesmas situações.

Pensemos, agora, na seguinte situação: Maria, a mãe de Luís, sabe que ele surfa, acredita que o surfe não é um esporte perigoso, acredita que seu filho surfa muito bem. Então, Maria não se preocupa com fato de o filho surfar. No entanto, Joana, a mãe de Pedro, sabe que ele surfa, acredita ser o surfe um esporte perigoso e não acredita que seu filho surfa bem. Então, Joana se preocupa com o fato de o filho surfar.

A partir das considerações tecidas até aqui, podemos concluir que o universo psicológico é incomensurável, assim como as razões para todos os tipos de sentimentos, sobre os quais, certamente, não temos controle.

A falta de controle nesses experienciadores nos evidencia a sua diferença comportamental referente aos verbos de estados psicológicos, da classe aspectual estado com outros verbos também dessa classe aspectual verbal que possuem controle do evento verbal. Observemos as sentenças em (6), (7) e (8):

- (6) a. João pesou os mantimentos.
 b. Os mantimentos foram pesados por João.
 c.*Os mantimentos ficaram pesados com João.
 d.*Os mantimentos se pesaram.
- (7) a. Maria mediu a sala.
 b. A sala foi medida por Maria.
 c.*A sala ficou medida com Maria.
 d.*A sala mediu-se.
- (8) a. João orçou a reforma.
 b. A reforma foi orçada por João.
 c.*A reforma ficou orçada com João.
 d.*A reforma se orçou.

Enquanto podemos dizer que “João pesou os mantimentos durante toda a manhã, mas não vai pesá-los à tarde”, “Maria mediu a sala durante toda a manhã, mas não vai medi-la à tarde”, “João orçou a reforma durante toda a manhã, mas não vai orçá-la à tarde”, não podemos dizer que “*João amou seus filhos durante toda a manhã, mas não vai amá-los à tarde”. Constata-se, então, que os experienciadores em (6), (7) e (8) possuem controle de sua experienciação.

Os verbos da classe aspectual estado, tal como o próprio nome indica, representam situações estativas em que nenhum dos argumentos envolvidos sofre alteração durante o intervalo de tempo em que determinado estado de coisas tem lugar. Em virtude desse fato, não podem ser estruturados em construções passivas adjetivais (6c), (7c) e (8c) nem em construções ergativas (6d), (7d) e (8d), pois essas construções têm como função apresentar o resultado da afetação do sujeito sobre o objeto. O mesmo acontece com os verbos de estados psicológicos em (9):

- (9) a. João amou Maria.
 b. Maria foi amada por João.
 c. *Maria ficou amada com João.
 d. *Maria amou-se. (construção ergativa)
 e. Maria amou-se. (construção reflexiva)

O pronome *se* junto a esses verbos atua como um genuíno reflexivo se o objeto direto for um argumento [+animado]. Tornando o sujeito em *agente e paciente* do mesmo processo verbal em (9e), modifica o evento descrito em (9a). A construção (9d) é inaceitável, mas (9e) é aceitável.

Em relação aos verbos de mudança de estados psicológicos, em (10a), a falta de controle dos experienciadores nos mostra que esse argumento é afetado, característica dos objetos diretos dos verbos causativos, verbos esses que participam da alternância causativa e sofrem ergativização. No entanto, diferentemente de outros verbos causativos, os verbos de mudança de estados psicológicos possuem na construção ergativa o falso objeto reflexivo *se* que evidencia as *causas internas* do experienciador, as responsáveis pela sua mudança de estado, em (10d). Esse assunto é abordado na seção 2.6.1 deste capítulo. Observemos (10):

- (10) a. O choro do bebê aborreceu Maria.
 b. *Maria foi aborrecida pelo choro do bebê.
 c. Maria ficou aborrecida com o choro do bebê.
 d. Maria se aborreceu.

2.5 ESTADO PERMANENTE E ESTADO TRANSITÓRIO DAS EXPERIÊNCIAS PSICOLÓGICAS

Realizamos a seguir uma análise da duração temporal das experiências psicológicas dos verbos de estados psicológicos como dos verbos de mudança de estados psicológicos. Essa duração temporal pode ser permanente ou transitória. A importância dessa análise é identificar nos participios desses verbos psicológicos a sua duração temporal, uma vez que só os participios com a duração transitória poderão se unir com *-mente* na formação de advérbios de modo.

Vejamos a duração temporal das experiências psicológicas dos experienciadores dos verbos de estados psicológicos, da classe aspectual estado, em (11):

(11) João ama Maria.

O estado de amar é permanente no experienciador *João*. O amar é algo constante, pelo fato de as causas internas, que geram esse sentimento no experienciador, estarem nele presentes permanentemente. *João ama Maria* porque ela apresenta as razões que nele deflagram o sentimento do amor. Esse sentimento estará sempre presente em *João*, em virtude de as razões que o fazem amar *Maria* são inerentes a ele. Uma vez despertado esse sentimento, ele será permanente no experienciador. Podemos, então, definir o sentimento *amor* como uma experiência psicológica permanente, uma vez que é deflagrado pelas *causas internas* do experienciador. Essa experiência psicológica permanece em virtude de o que deflagra o sentimento do amor está permanentemente no experienciador.

Passemos para análise da duração da experiência psicológica dos experienciadores dos verbos de mudança de estados psicológicos, da classe aspectual evento, em (12):

(12) As atitudes de João aborreceram Pedro.

O estado de aborrecimento é transitório no experienciador do verbo de mudança de estado psicológico, pois esse estado ocorre somente quando o experienciador *Pedro* é confrontado com determinada situação que deflagra o seu estado de aborrecimento *As atitudes de João*.

Esse estado transitório, apesar de também ser motivado por *causas internas* no experienciador, só é deflagrado diante de situações que o experienciador elegeu como lhe sendo causadoras de aborrecimento. Quando essas situações não acontecem, não há aborrecimento.

Assim, uma vez que esse sentimento é despertado, ele não será permanente e sim transitório, de acordo com a duração da situação deflagradora dessa emoção. No entanto, o aborrecimento poderá ocorrer muitas vezes depois de a situação deflagradora ter terminado, em razão de que toda vez que o experienciador se lembrar do acontecimento, poderá experienciar novamente o sentimento de aborrecimento. Assim, esse estado psicológico tem sua duração determinada enquanto a situação deflagradora estiver presente ou sendo lembrada.

Um sentimento que depende de fatores momentâneos para ocorrer e deixando de ser experienciado pelo fato de esses fatores não estarem mais acontecendo é um sentimento transitório, que possui uma duração temporal não constante. Analisemos o exemplo em (13):

- (13) a. A palestra entediou Pedro.
b. Pedro ficou entediado.

Podemos verificar, em (13), que *Pedro* entediou-se durante *a palestra*. *Pedro* possui *causas internas* que foram deflagradas pela palestra e o fizeram se entediar. Ao acabar a palestra, o seu tédio acabou. A duração temporal do seu tédio foi transitória. O particípio *entediado* também é considerado um particípio transitório.

Analisemos, em (14), um sentimento que não depende de fatores momentâneos para ocorrer, já que não deixa de existir em nenhum momento. É um sentimento cujas *causas internas*, as que deflagram esse sentimento, estão permanentemente no experienciador.

- (14) a. Maria odeia João.
b. João é odiado.

As causas internas que fazem *Maria* odiar *João* estão permanentemente nela, independente do fato de ela vir ou ouvir *João*. Não há necessidade de uma situação ocasional para que ela experiencie o ódio por ele. O particípio *odiado* também é considerado um particípio permanente, não transitório, por não depender de nenhum fato momentâneo que o

deflagre. Assim, as noções permanente e transitório são aplicadas aos participios dos verbos intrinsecamente psicológicos e nos ajudam a entender melhor que tipo de propriedades esses participios veiculam.

2.6 VERBOS DE MUDANÇA DE ESTADOS - CONSTRUÇÃO ERGATIVA

Analisaremos agora como o uso do *se* ergativo é explicado pela literatura, tentando esclarecer o porquê de, em construções praticamente idênticas, o falso pronome reflexivo *se* aparecer e o porquê de ele não aparecer.

Segundo L&RH (1995), os verbos ergativos dividem-se em três classes na base de sua representação semântico-lexical e na estrutura de seus argumentos.

The first class is that of alternating (dyadic) unaccusative verbs with a single direct internal argument. This class includes externally caused alternating verbs, such as break, open and sink. The second class of intransitive verbs are unaccusative verbs which are not related to causatives, such as verbs of disappearance (die, disappear, vanish) or (dyadic) verbs of existence and appearance with two internal arguments (appear, emerge, exist). The third class is a class of (monadic) unergative verbs with a single external argument. They express internally caused eventualities (bloom, blush, deteriorate) (L& RH,1995, p. 133)

Para aplicar a alternância causativa, em referência aos verbos de mudança de estados não psicológicos, que podem ser causados externamente, assim como causados internamente, analisaremos a primeira classe dos verbos da citação acima, que trata de verbos ergativos diádicos que apresentam apenas um argumento interno direto, argumento esse que pode ser a causa da mudança de estado por possuir propriedades internas que são inerentes ao curso natural do desenvolvimento da eventualidade, como pode também se dar por causas externas, pelos argumentos externos.

Os verbos de mudança de estados não psicológicos, os quais chamaremos daqui por diante apenas de verbos de mudança de estados, podem ter argumentos externos que realmente causam a mudança de estado no objeto, ocorrendo aí a construção ergativa, em (15b) sem o falso objeto reflexivo *se*.

“Some externally caused verbs such as *break* can be used intransitively without the expression of an external cause, but even when no cause is specified, our knowledge of the world tell us that the eventuality these verbs describe could not happen without an external cause”. (L&RH, 1995, p. 93)

Quando o pronome *se* é adicionado a uma construção ergativa, em (15c), entende-se que evento se deu pelas propriedades internas de seus sujeitos.

- (15) a. A pedra quebrou a janela.
 b. A janela quebrou.
 c. A janela se quebrou.

L&RH (1995:88) dizem o seguinte: “If verbs such as *break* are appropriately characterized as inherently causative verbs, then the monadic use is some sense derived, and indeed morphological marking has a function: it is needed to indicate the nonexpression of the external cause”.

A construção ergativa dos verbos de mudança de estados se dá com: (i) argumentos internos possuidores de propriedades internas que podem ocasionar a mudança de estado espontaneamente, (ii) argumentos internos que não têm propriedades internas e têm a sua mudança de estado ocasionada por causas externas e (iii) argumentos internos possuidores de propriedades internas que podem ocasionar a mudança de estado espontaneamente, mas que, no entanto, é causada externamente.

Assim, quando o objeto direto possui propriedades internas que podem ocasionar a mudança de estado, essa mudança pode se dar internamente, mas o fato de possuir essas propriedades não impossibilita de a mudança ser causada externamente. Quando o objeto não possui propriedades internas que podem ocasionar a mudança de estado, essa mudança só é causada externamente.

Observemos, agora, as sentenças dos verbos de mudança de estados nos exemplos (16) a (20):

- (16) a. O soco quebrou o anel de vidro.
 b. O anel de vidro quebrou.
 c. O anel de vidro se quebrou.

- (17) a. O cano escoou a água.
b. A água escoou.
c. A água se escoou.
- (18) a. Os cupins estragaram a madeira.
b. A madeira estragou.
c. A madeira se estragou.
- (19) a. O sol derreteu a manteiga.
b. A manteiga derreteu.
c. A manteiga se derreteu.
- (20) a. O vento desmanchou o penteado.
b. O penteado desmanchou.
c. O penteado se desmanchou.

É possível constatar com os exemplos (16) a (20), que esses verbos possuem as duas formas de construção ergativa: (i) a construção ergativa sem o falso pronome reflexivo *se* pelo fato de a mudança de estado ter-se dado pela causa externa, que está sendo suprimida, como podemos ver nas sentenças em (16b) a (20b) e (ii) a construção ergativa com o falso pronome reflexivo *se*, em virtude de haver propriedades internas nos objetos diretos que torna possível a mudança de estado, como nas sentenças em (16c) a (20c).

Agora, observemos as sentenças dos verbos de mudança de estado nos exemplos (21) a (26):

- (21) a. O fogo alto queimou a comida.
b. A comida queimou.
c. *A comida se queimou.
- (22) a. O forte calor secou o rio.
b. O rio secou.
c. *O rio se secou.

(23) a. O solavanco entornou o líquido.

b. O líquido entornou.

c. * O líquido se entornou.

(24) a. O prego furou a madeira.

b. A madeira furou.

c. *A madeira se furou.

(25) a. O tombo fraturou o braço.

b. O braço fraturou.

c. *O braço se fraturou.

(26) a. O motor velho enguiçou o carro.

b. O carro enguiçou.

c. *O carro se enguiçou.

Os verbos de mudança de estados *queimar*, *secar*, *entornar*, *furar*, *fraturar* e *enguiçar* são construídos ergativamente sem o falso pronome reflexivo *se* em (21c) a (26c), pois as entidades que estão na posição sintática de objeto direto desses verbos de mudança de estados não possuem propriedades internas que possam causar mudanças de estado em si mesmas. A mudança de estado nesses verbos só pode ser causada externamente e, devido a esse fato, a construção ergativa é construída sem o pronome *se* como nos exemplos (21b) a (26b). É necessário lembrar que os objetos diretos das construções transitivas citados acima, que podem ou não possuir propriedades intrínsecas de causarem mudanças de estados em si mesmos, são os sujeitos das construções ergativas.

2.6.1 Verbos de Mudança de Estados Psicológicos – Construção Ergativa

Os verbos de mudança de estados psicológicos diferentemente dos outros verbos de mudança de estado sempre são construídos ergativamente com o falso pronome reflexivo *se*. As análises abaixo confirmarão essa afirmação.

Para Rothemberg (1974 *apud* L&RH (1995)) e (Bernard, 1971, Burston, 1979, Forest 1988 *apud* Carmen Dobrovie-Sorin (1996)) o que determina se a mudança de estado é causada internamente e conseqüentemente a sua construção ergativa com o falso pronome reflexivo *se* são os predicados que expressam um processo autônomo, natural, interiormente conduzido. O processo descrito por esses verbos pode trazer as causas externas expressas, mas essas causas somente constituem a força inicial que induz um processo causado internamente.

L&RH (1995) argumentam que a ergatividade acontece devido ao fato de as Regras de Ligação de Mudança Direta, em (28), e de Existência, em (29), terem prioridade sobre a Regra de Ligação de Causa Imediata em (27). Dados esses fatos, as autoras afirmam o seguinte: os verbos que envolvem uma causa interna são ergativos, desde que a causa imediata externa possa estar implicada em seu significado.

(27) Regra de Ligação de Causa Imediata

O argumento de um verbo que denota a causa imediata da eventualidade descrita pelo verbo é o seu argumento externo.

(28) Regra de Ligação de Mudança Direta

O argumento de um verbo que corresponde à entidade experienciadora da mudança direta descrita pelo verbo é o seu argumento interno direto.

(29) Regra de Ligação de Existência.

O argumento de um verbo cuja existência é confirmada ou negada é o seu argumento interno direto. (L&RH, 1995)

Vamos começar nossa análise com verbos de mudança de estados psicológicos, que são causados internamente, observando a implicação da causa imediata externa no significado do verbo conforme a citação abaixo:

“The Immediate Cause Linking Rule associates the single argument of this type of verb – an “internal cause” – with the external argument position in the argument structure. The causative counterpart of such a verb would involve the introduction of an external cause, which itself must be the external argument of the causative verb by the Immediate Cause Linking Rule. Since the linking of the internal cause argument would not be affected by the introduction of the external cause, the external cause would compete for the single external argument slot in

the argument structure with the verb's own argument." (L&RH, 1995, p. 144).

Segundo essas autoras, os verbos de mudança de estados psicológicos como os do tipo de *preocupar*, *angustiar* aceitam como causas imediatas externas argumentos [+ ou – animados]. No entanto, o evento psicológico surge a partir das causas internas do experienciador.

Passemos a análise da sentença, em (30), com o verbo de mudança de estado psicológico *angustiar*:

(30) João angustiou-se.

Quando uma sentença está estruturada numa construção ergativa, ela tem somente um argumento, aqui denominado de X. X é a entidade que, além de mudar de estado, é a responsável por essa mudança de estado. Quando João se angustia, ele muda de estado e, ao se angustiar, ele também é responsável por essa mudança de estado, em virtude de possuir *causas internas* que o fazem ficar angustiado.

Consideremos, a seguir, o que acontece quando há um segundo participante no evento dessa mudança de estado, aqui denominado de Y, que aparece em uma construção transitiva, como em (31):

(31) A morte do pai angustiou João

O verbo de mudança de estado psicológico *angustiar* pode ter somente um argumento X em seu modelo de causa interna, em sua construção ergativa em (30). No entanto, um outro argumento Y, *a morte do pai* em (31), pode ser adicionado ao seu significado verbal, numa construção transitiva, por ser uma entidade intrinsecamente envolvida no processo de mudança de estado.

A falta de dinheiro, *a espera de um resultado* são forças que podem se envolver num processo de angustiar João. Outros tipos de entidades não podem, não se pode dizer que *Um martelo angustiou João*. Quando há dois argumentos para um verbo que possui causas internas, X e Y devem fazer parte do conteúdo do significado do verbo.

Quando L&RH (1995) dizem que somente verbos de mudança de estados causada internamente podem aparecer em sentenças ergativas com o falso pronome reflexivo *se*, o que

elas observam é a possibilidade de o segundo argumento, Y, ser adicionado ao conteúdo do significado verbal. Na sentença *A morte do pai angustiou João*, X é o João e Y é a morte do pai. Y pode ser um participante nesse evento, pois a morte do pai está envolvido no processo de angustiar João e aparece como sujeito da sentença transitiva apenas como um participante inerente ao evento.

McKoon&Macfarland (2000) propõem um diagnóstico para distinguir os verbos de causa interna.

Internally and externally caused change of state verbs can be distinguished by the subjects of the transitive sentences in which appear. The diagnostic is that the entities appearing in subject position in transitive sentences should be more constrained for the internally than the externally caused verbs. The reason is that there is only the one change of state event in the template of an internally caused change of state verb and so a second participant in that event (the participant in subject position in a transitive sentence) must be an inherent participant in the change of state event.(2000, p.16)

McKoon&Macfarland (2000) interpretam os verbos de mudança de estados psicológicos como verbos de mudança de estado causados internamente e que a sua causa imediata externa é um segundo participante inerente à mudança de estado do evento.

A partir dessas análises, podemos comprovar que os verbos de mudanças causadas internamente, podem, dependendo da estrutura lexical, admitir uma causa imediata externa. No entanto, essa causa imediata nada representa para a significação verbal, uma vez que é um argumento inerente ao evento, ocupando a posição sintática de sujeito apenas por uma exigência da estrutura léxico-sintática.

Na sentença (30), é a causa interna de João a causadora de sua angústia. Quando João se angustia, ele muda de estado e, ao se angustiar, ele também é responsável por essa mudança de estado, em virtude de possuir causas internas que lhe permitem se angustiar. L&RH (1995) observam que mesmo havendo um único evento no modelo de causa interna de angustiar, a morte do pai pode ser um participante desse evento, pois está envolvido no processo de angústia.

Segundo L&RH (1995), os verbos de mudança de estados psicológicos participam da alternância causativa sob condições sintáticas específicas que licenciam o processo de causativização e ergativização. As regras (27), (28) e (29) já apresentadas dão conta da construção ergativa dos verbos de mudança de estados psicológicos.

“(...) on our analysis causative verbs do not arise from a process of causativization – they are inherently causative – but instead undergo a process of detransitivization under certain conditions.” (...) The analysis of CAUSE that we are adopting is the “bivalent”(...) The two subevents can be characterized as the “causing” subevent and, following Hale and Keyser (1987), the “central” subevent – the event that specifies the change associated with the verb. Each of the arguments of the verb is associated with a distinct subevent: the causer argument is associated with the causing subevent, and the passive participant – that is, the argument that undergoes the change, which is often referred to as the “patient” or “theme” – with the central subevent. (...) the external argument of such a verb is simply a participant in the causing subevent via a process of metonymy. (...) D.Wilkins and Van Valin (1993) call the projection of one the arguments of the causing subevent to stand in for the whole event “metonymic clipping”.” (L&RH, 1995, p. 83-84).

Vejam a sentença em (32):

(32) a. São Paulo apavorou Maria.

b. Maria se apavorou.

Maria pode ter como *causas internas* do seu pavor: aglomeração de pessoas / ruídos altos / tráfego intenso / prédios altos. Assim, *São Paulo* constitui a força inicial que induz um processo de pavor causado internamente.

A partir dessas análises, podemos dizer que por se tratarem de construções ergativas relativas aos verbos de mudança de estados psicológicos, essa ergativização sempre se dará com o falso pronome reflexivo *se*, em virtude de os experienciadores serem sempre [+humanos] e, conseqüentemente, terem suas causas internas. Reafirmando o que já foi dito antes, a causa imediata externa aparece apenas como um argumento inerente ao verbo, uma vez que o significado da sentença em (32a) não é modificado pela sentença em (32b).

Em virtude dessas análises, podemos perceber a diferença que há na ergativização de verbos de estados psicológicos e na ergativização dos outros verbos de mudança de estados

A diferença de comportamento entre as construções sintáticas ergativas dos verbos de mudança de estados e dos verbos de mudança de estados psicológicos se dá pelo fato de que naqueles a mudança de estado pode acontecer devido a causas externas quanto internas, enquanto que nestes a mudança de estado acontece devido às causas internas

Os verbos de estados psicológicos são verbos causados internamente, assim como os verbos de mudança de estados psicológicos. No entanto, a estrutura lexical dos verbos de

mudança de estados psicológicos permite serem construídos em uma estrutura transitiva que os possibilita participar de uma alternância causativa enquanto que a estrutura lexical dos verbos de estados psicológicos não.

A construção ergativa dos verbos de mudança de estado precisa ser estudada levando-se em conta a questão da possibilidade de sua variação de um dialeto para outro.

As flutuações no uso do pronome *se* nos verbos de mudança de estados nos fazem compreender a razão de os verbos de mudança de estados psicológicos poderem ser apresentados sem o falso reflexivo *se* em alguns dialetos, como o mineiro. No entanto, a possibilidade, de haver nesse dialeto a construção ergativa dos verbos de mudança de estado psicológicos sem o falso pronome reflexivo *se* é matéria para pesquisas futuras, uma vez que o emprego do *se* não é a questão central deste trabalho.

2.7 RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, nosso objetivo consistiu em analisar as características semântico-aspectuais dos verbos intrinsecamente psicológicos com a finalidade de apresentar suas possibilidades de construções na sintaxe e foi observado que o experienciador dos verbos de estados psicológicos, apesar de pertencerem à classe aspectual estado possui dinamicidade na sua experiência psicológica e que os verbos de mudanças de estados psicológicos podem ser evidenciados na sintaxe em dois subeventos temporalmente independentes.

A experiência psicológica dos verbos pode possuir propriedades temporais como permanente ou transitória, dependendo da classe aspectual a que pertence o verbo intrinsecamente psicológico. Essas propriedades são também atribuídas aos participios de acordo com os verbos que os geraram.

Outro aspecto abordado nesse capítulo foi a possibilidade de haver a propriedade controle sobre a experiência psicológica, tanto nos verbos de estados psicológicos como nos verbos de mudança de estados psicológicos. As análises feitas mostraram não haver essa propriedade sobre a experiência psicológica, pois sentimentos são emoções psicológicas e por não pertencerem à racionalidade não estão sujeitas ao nosso domínio.

Constatamos também que todos os verbos intrinsecamente psicológicos são causados internamente, possuindo, no entanto, diferenças quanto a sua apresentação na sintaxe devido às suas estruturas lexicais.

Através dos verbos de mudança de estado, tanto psicológicos como não psicológicos, foi possível esclarecermos a construção ergativa com o pronome *se* e sem o pronome *se*.

No Capítulo 3, trataremos dos verbos de mudança de estados psicológicos, diferenciando-os dos *accomplishments* e *achievements*. Ainda serão analisadas as construções passiva verbal e passiva adjetival e a construção ergativa. O aspecto dos participios dos verbos de estados psicológicos e dos verbos de mudança de estados psicológicos também serão estudados com a finalidade de apresentar os motivos que permitem apenas aos participios dos verbos de mudança de estados psicológicos a união com *-mente* na formação de advérbios de modo.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS VERBOS INTRINSECAMENTE PSICOLÓGICOS

3.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pretendemos, neste capítulo, dar conta dos aspectos temporais internos aos verbos intrinsecamente psicológicos. Tal análise remete para a discussão de *aktionsart* e de aspecto. Uma vez que este estudo não tem por objetivo discutir as tipologias aspectuais, centraremos a discussão nos verbos intrinsecamente psicológicos com as tipologias aspectuais de Vendler (1967) e na teoria de eventos complexos de L&RH (2002).

Enfocaremos ainda as propriedades semânticas dos participípios e as semelhanças e diferenças das construções passivas verbais e adjetivais, observando os seus comportamentos em relação aos:

i) verbos de estados psicológicos como *amar, temer, odiar, invejar* etc., da classe aspectual estado, cujos participípios são, aqui, denominados de participípios psicológicos;

ii) verbos de mudança de estados psicológicos, como *assustar, aborrecer, preocupar, desesperar* etc., da classe aspectual evento, cujos participípios são, aqui, denominados de adjetivos resultativos psicológicos.

3.2 CLASSES ASPECTUAIS SEGUNDO VENDLER (1967)

Vendler (1967) identificou quatro classes aspectuais verbais baseadas nas propriedades temporais como: na duração temporal, terminação temporal e estrutura temporal

interna (ou na falta dela). Na sua classificação, verbos podem denotar estados, atividades, *achievements* ou *accomplishments*.

A classe aspectual verbal estado não apresenta caráter dinâmico, representa situações estativas em que nenhum dos argumentos envolvidos sofre alteração durante o intervalo de tempo em que tal estado tem lugar, como na sentença em (1):

(1) Ele está morto.

Em relação à classe aspectual verbal atividades, Vendler considera que: “(...) *running and its kind go on in time in a homogeneous way; any part of the process is of the same nature as the whole*” (Vendler, 1967, p. 101).

Assim, uma atividade tem duração interna homogênea, sendo cada momento constituído pela repetição dos mesmos atos, mas não necessariamente um ponto final temporal. O que é confirmado na sentença (2):

(2) João correu no parque.

A terceira classe, *accomplishment*, implica um culminar da ação, momento este em que o evento é dado como completo.

Citando Vendler: “(...) while running or pushing a cart has no set terminal point, running a mile and drawing a circle do have a “climax”, which has to be reached if the action is to be what it is claimed to be” (*op.cit.*: p.100). Como em (3):

(3) João correu duas quadras.

A quarta classe aspectual verbal, o *achievement*, tem uma culminação instantânea, sem duração temporal. Exemplos de *achievements* seriam, segundo Vendler, as sentenças em (4):

(4) vencer a corrida, reconhecer algo/alguém, atingir o cume.

Essas quatro classes têm sido organizadas por vários autores em diferentes grupos. A distinção mais básica tem sido feita entre os estativos de um lado e os não-estativos (os eventivos) do outro.

3.3. VERBOS DE ESTADOS PSICOLÓGICOS

Reapresentamos resumidamente, nesta seção, o que já dissemos sobre os verbos de estados psicológicos, inclusive sobre as suas construções sintáticas. A razão dessa retomada é explicitar de vez o motivo de os seus participios não poderem se unir com *-mente* na formação de advérbios de modo e a partir desta seção nos dedicamos à análise dos verbos de mudança de estados psicológicos.

Como vimos na seção anterior, na classificação de Vendler, a classe aspectual verbal estado diferencia-se das restantes classes aspectuais verbais por não apresentar caráter dinâmico, representando situações estativas em que nenhum dos argumentos envolvidos sofre alteração. Como a sentença em (1), reapresentada em (5):

(5) Ele está morto.

No caso dos verbos de estados psicológicos, o experienciador é um argumento que sofre determinada mudança ocasionada por suas *causas internas* e participa do evento de ocupando a posição sintática de sujeito. Segundo Tenny&Pustejovsky (2000), os verbos de estados psicológicos como *temer* ou *amar* são classificados aspectualmente como estado por se prenderem ao objeto que não é alterado e não com a própria natureza do papel semântico experienciador.

Assim, pelo fato de os experienciadores realizarem o evento verbal dos verbos de estados psicológicos e não apresentarem mudanças em seus objetos diretos, são realizados sintaticamente somente na construção passiva verbal em (6b). Não acontecem na construção passiva adjetival (6c) nem na construção ergativa (6d), pois essas construções têm como função apresentar o resultado da afetação do sujeito sobre o objeto.

- (6) a. João ama Maria.
 b. Maria é amada (por João).
 c. *Maria fica amada.
 d. *Maria se ama.

A sentença (6d) só é aceitável caso *Maria* seja *agente e paciente* do evento verbal, com o pronome *se* atuando como um genuíno pronome reflexivo e a sentença sendo entendida como *Maria ama a si mesma*. Numa construção ergativa, o sujeito da sentença deve ter o papel semântico afetado e não agentivo, por isso a não aceitabilidade dessa sentença como ergativa.

A construção passiva verbal (6b) pode ser considerada como uma estratégia de supressão ou ocultação do agente, que envolve a externalização de um argumento interno do verbo a partir do qual é formado o particípio passado e com o qual partilha os traços de concordância. A ocultação do agente parece ser a propriedade essencial da passiva verbal e alguns autores têm-na atribuído à alteração da estrutura argumental do verbo-base provocada pelo processo morfológico que origina formas participiais.

Segundo Mateus et al (1989), essa alteração pode sintetizar-se do seguinte modo: o processo morfológico em questão bloqueia a atribuição da função semântica de agente à posição de sujeito. Assim, decorrente da suspensão da atribuição da função semântica de agente à posição de sujeito há a opcionalidade dessa atribuição ao sintagma preposicionado “por João”, na construção passiva verbal, ou na ausência desse sintagma preposicionado ao particípio verbal em (6b).

Dessa forma, os participios das construções passivas verbais contêm, implicitamente, o papel temático do argumento externo da base verbal. No caso do exemplo (6b), o particípio *amada* refere-se ao sentimento experienciado por *João*.

Os advérbios de modo têm a propriedade de especificar as eventualidades, segundo Ernst (2002), ou seja, explicitar como as eventualidades¹¹ acontecem. Uma vez que o particípio *amada* se refere a um sentimento vivenciado por outrem, não é possível usá-lo como base para a formação de um advérbio de modo que indicará como um outro sujeito estará realizando um outro evento. Daí a não possibilidade da junção desse particípio psicológico com *-mente* na formação de advérbios de modo. Vemos, assim, a impossibilidade

¹¹ Estamos usando o termo eventualidade, no sentido de Bach (1986): termo que engloba as quatro classes aspectuais verbais.

de *A criança* falar *amadamente* em (7), uma vez que esse particípio se refere a um outro sujeito, contendo inclusive o seu papel temático.

(7) *A criança falou *amadamente* com sua mãe.

Após essas análises, ficam definidas as razões por que os particípios dos verbos de estados psicológicos não podem se unir com *-mente* na formação de advérbio de modo.

No caso dos verbos de estados psicológicos, os advérbios de modo em *-mente* unem-se aos adjetivos correlatos aos verbos, quando houver esses adjetivos correlatos. Observemos os exemplos em (8), (9) e (10):

(8) a. *A criança falou *amadamente* com sua mãe.

b. A criança falou *amorosamente* com sua mãe.

(9) a. *O aluno olhou *temidamente* para a diretora.

b. O aluno olhou *temerosamente* para a diretora.

(10) a. * Maria lutou *ambicionadamente* por seus ideais.

b. Maria lutou *ambiciosamente* por seus ideais.

3.4 VERBOS DE MUDANÇAS DE ESTADOS PSICOLÓGICOS – EVENTOS COMPLEXOS

Todas as discussões, a partir de agora, concentrar-se-ão nas análises semântico-aspectuais dos verbos de mudanças de estados psicológicos, já que são os seus particípios que se unem com *-mente* na formação de advérbio de modo, objetivo nuclear deste trabalho.

L&RH (2002) fundamentam a noção dos eventos complexos em uma propriedade que reflete a constituição temporal interna de evento. No entanto, essa noção não é simplesmente uma re-caracterização das noções aspectuais familiares *accomplishments* e eventos télicos, usadas freqüentemente para descrever eventos formados por dois subeventos.

As autoras mostram não serem essas noções aspectuais equivalentes à noção mais específica de evento complexo, que é a noção de um evento possuidor de dois subeventos não dependentes temporalmente. A equação das noções *accomplishments* e evento complexo ocorre pelo fato de os *accomplishments* serem eventos causativos compostos de um causador e um subevento causado assim como os eventos complexos.

Um *accomplishment* é um evento com uma duração e um ponto final, como a noção de realização foi temporalmente definida como Vendler (1967), uma definição que não faz nenhuma menção à complexidade de evento. A classe dos *accomplishments* é linguisticamente significativa e talvez a propriedade mais amplamente citada seja a falta de propriedade de subintervalo. Quer dizer, nenhuma subparte de um evento *accomplishment* é um exemplo do próprio evento, em virtude de serem definidos com um ponto final particular. Vejamos a diferença de um exemplo de *accomplishment* em (11a) e de um exemplo de evento complexo em (11b):

- (11) a. João está construindo a casa. * João construiu a casa.
 b. João está preocupando Maria. João preocupou Maria.

Em (11), apresentamos o teste de acarretamento, que permite identificar os *accomplishments*. Se dizemos que *João está construindo a casa*, isso não acarreta que *João construiu a casa*. Dizer que *João está nadando*, acarreta que *João nadou*. *Construir a casa*, ao contrário de *nadar* é um *accomplishment*. Concluímos, portanto, diante de (11b) que preocupar não é um *accomplishment*, pois *João está preocupando Maria* acarreta que *João preocupou Maria*.

Podemos perceber, portanto, que a noção de evento complexo é insensível ao fato de o evento ter um ponto final, o que não acontece com os eventos télicos, como os *accomplishments* ou *achievements*.

3.4.1 Verbos de Mudança de Estados Psicológicos – Construção Resultativa

De acordo com L&RH (2002), os eventos complexos aceitam, no subevento causativo, argumentos [+ ou – animados] como uma causa imediata externa deflagradora da emoção psicológica e não a causa interna da emoção vivenciada pelo argumento interno “Maria” em (12a). Como o evento verbal não é centralizado nessa causa imediata externa, que ocupa a posição sintática de sujeito em virtude da exigência da estrutura lexical desse verbo,

não há a construção da passiva verbal. O fato de essa causa externa imediata unir-se ao evento principal, faz com que esse evento possa a ser apresentado na construção ergativa resultativa (12b).

(12) a. O falecimento do pai entristeceu Maria.

b. Maria se entristeceu.

Como a passiva adjetival resultativa é derivada da construção ergativa resultativa (13a), o seu particípio adjetival, o adjetivo resultativo psicológico, *entristecida* (13b), tem a sua duração temporal transitória, podendo ocorrer inúmeras vezes a partir do mesmo evento causativo (13c), como também se unir com *-mente* na formação de advérbio de modo (13d):

(13) a. Maria se entristeceu.

b. Maria ficou entristecida.

c. Maria ficou entristecida duas vezes esta semana.

d. Maria falava *entristecidamente* sobre o término do seu namoro.

Verificamos através dos exemplos que os adjetivos resultativos psicológicos como *chateado*, *preocupado*, *aborrecido* não são permanentes, assim como podem acontecer inúmeras vezes a partir do mesmo evento causativo, como já foi estudado no capítulo anterior.

Podemos definir, então, que é o traço temporal permanente dos particípios verbais, traço esse ocasionado pela presença implícita do papel temático do argumento externo da base verbal em seu particípio, a razão de os particípios psicológicos não poderem unir-se com *-mente* na formação de advérbios de modo.

Uma vez que esse advérbio tem a função de apresentar como se dá uma eventualidade, o particípio não pode ter o traço temporal de ação acabada, permanente. Para tal formação adverbial, é necessário haver nos particípios o traço temporal transitório que somente acontece com os adjetivos resultativos psicológicos dos eventos complexos.

3.4.2 Os Particípios das Construções Passivas Verbal e Adjetival Resultativa

L&RH (1995) se utilizam da distinção introduzida por Carlson (1977) entre predicados *stage-level* e predicados *individual-level*. Predicados *stage-level* descrevem propriedades temporárias ou atividades transitórias de entidades, contrastando com predicados *individual-level* que descrevem propriedades permanentes.

Assim, segundo essas autoras, os verbos de estados psicológicos (*amar, temer* etc.), que só podem ser construídos na passiva verbal, descrevem propriedades permanentes, gerando predicados *individual-level*. Já os verbos de mudança de estados psicológicos (*assustar, preocupar* etc.), que só podem ser construídos na passiva adjetival resultativa, descrevem propriedades temporárias, gerando predicados *stage-level*.

A partir dessas afirmações, podemos, então, definir os particípios em relação aos verbos psicológicos da seguinte forma:

- i) Os verbos de estados psicológicos (*amar, temer, odiar* etc.) possuem os particípios psicológicos que se referem a predicados *individual-level*: são resultantes das construções passivas verbais.
- ii) Os verbos de mudança de estados psicológicos (*preocupar, aborrecer, entediar*, etc.) possuem os adjetivos resultativos psicológicos que se referem a predicados *stage-level*: são resultantes das construções passivas adjetivais resultativas.

3.5. VERBOS TRANSITIVOS AGENTIVOS E VERBOS CAUSATIVOS DIRETOS NÃO PSICOLÓGICOS

Apesar de este trabalho não ter como objetivo os verbos transitivos agentivos nem os verbos causativos diretos não psicológicos, já vistos no primeiro capítulo, é interessante

analisar seus participios adjetivais¹² derivados de suas passivas verbais, para verificar se os seus participios adjetivais podem ou não fazer a junção com *-mente* na formação de advérbios de modo e também analisar a razão de haver ou não a possibilidade dessa junção.

Os verbos transitivos agentivos estão em (14) e os verbos causativos diretos não psicológicos, em (15):

- (14) a. João construiu a casa.
 b. A casa foi construída.
 c. A casa ficou construída.
 d. * A casa ficou construída duas vezes esta semana.
 e. *construídamente

- (15) a. O furacão destruiu a cidade.
 b. A cidade foi destruída.
 c. A cidade ficou destruída.
 d. *A cidade ficou destruída duas vezes esta semana.
 e. *destruídamente

Verificamos através do exemplo, em (13), que o adjetivo resultativo psicológico *entristecida* não tem o traço temporal permanente, podendo acontecer inúmeras vezes a partir do mesmo subevento causativo, como já foi estudado no capítulo anterior. Já os participios adjetivais dos verbos transitivos agentivos, em (14c), e causativos diretos não psicológicos, em (15c), derivados das passivas verbais, em (14b) e (15b) respectivamente, têm o traço temporal permanente, de ação acabada, não podendo acontecer mais de uma vez.

Podemos definir, então, que é o traço temporal permanente dos participios verbais, como *amada*, e dos participios adjetivais derivados de passivas verbais, o fato de não poderem unir-se com *-mente* na formação de advérbios de modo em (14e) e (15e).

Para tal formação adverbial, é necessário haver nos participios adjetivais o traço temporário transitório que somente acontece com os adjetivos resultativos psicológicos dos eventos complexos.

¹² Sobre a diferenciação das passivas adjetivais ver Kratzer (2000), Baker (1989), Bresnan (1982) e Parsons (1990).

3.6 APLICAÇÃO DAS PROPRIEDADES SINTÁTICAS NOS VERBOS INTRINSECAMENTE PSICOLÓGICOS

Concluídas as apresentações dos estudos e análises necessárias para fundamentar a hipótese deste trabalho e pelo fato de assumirmos haver relação entre a semântica e a sintaxe da língua, cumprem agora, como parte dos objetivos, a verificação e a explicitação das condições semânticas que possibilitam, ou não, a aplicação das propriedades sintáticas: a) passivizações verbal e adjetival resultativa e b) ergativização sobre sentenças contendo:

- i) verbos de estados psicológicos (*amar, temer, odiar* etc.)
- ii) verbos de mudança de estados psicológicos (*assustar, preocupar, aborrecer* etc.)

Vejam agora cada um dos casos acima:

(i) Verbos de Estados Psicológicos

Retomando alguns pontos já apresentados neste trabalho, o sujeito dos verbos de estados psicológicos, como *temer*, é o experienciador, um argumento [+humano], mas não agentivo. Pelo fato de o experienciador ser o argumento que vivencia o evento, esse verbo pode ser construído na passiva verbal (16b). No entanto, por não afetar o seu objeto direto, não pode ser construído na passiva adjetival (16c), nem na construção ergativa (16d), pois essas construções têm como função apresentar o resultado da afetação do sujeito sobre o objeto. A construção (16d) só seria aceitável caso “João” fosse agente e paciente da mesma sentença, como já vimos antes.

- (16) a. Maria teme João.
- b. João é temido.
- c. *João está temido com Maria.
- d. *João temeu-se.

O particípio verbal *temido*, aqui denominado de *particípio psicológico*, possui elipticamente o papel temático do argumento externo da construção ativa. Em razão desse fato não pode se unir com *-mente*, pois se refere unicamente à experiência psicológica vivenciada

pelo argumento externo da base verbal não podendo, por isso, referir-se a qualquer outro sujeito em qualquer outra sentença. Observemos como esse particípio não pode ser usado como advérbio de modo em (17):

(17) * A criança olhava *temidamente* para o pai.

(ii) Verbos de Mudança de Estados Psicológicos

Os verbos de mudança de estados psicológicos não possuem a construção passiva verbal. Os argumentos que “preenchem” a posição de argumento externo na construção transitiva causativa são apenas deflagradores da emoção psicológica em (18):

(18) a. João/A notícia *deprimiu* Maria.

b. *Maria foi deprimida por João/pela notícia.(construção passiva verbal)

c. Maria se deprimiu. (construção ergativa resultativa)

d. Maria ficou deprimida com João/com a notícia. (passiva adj. resultativa)

Em razão de as causas imediatas externas ocuparem a posição de sujeito apenas pela exigência da estrutura lexical do verbo, pois são argumentos inerentes ao evento verbal, elas podem se unir ao evento principal e constituírem assim uma construção ergativa em (18c). Como a construção passiva adjetival resultativa em (18d) é derivada da construção ergativa, o particípio, aqui denominado de *adjetivo resultativo psicológico*, deriva-se diretamente do léxico¹³. A classificação de adjetivo é atribuída à *deprimida*, porque é um item lexical que pode referir-se a qualquer sujeito em qualquer sentença, podendo ocorrer nos mesmos ambientes sintáticos que os adjetivos “puros” e unir-se com *-mente*, também como os adjetivos “puros”, na formação de advérbio de modo (19):

(19) João recebeu a notícia *aborrecidamente/ deprimidamente*.

¹³ Ver Alexiadou A. & Anagnostopoulou E. (2004), Chomsky (1976, 1981), Freidin (1975), Varela (1992), Siegel (1973), Wasow (1977).

3.7 A FORMAÇÃO DOS ADVÉRBIOS EM *-MENTE*

Tomando como base as análises feitas sobre os verbos intrinsecamente psicológicos é possível afirmar serem somente os adjetivos resultativos psicológicos, derivados dos verbos de mudança de estados psicológicos, como *aborrecer/entediarse* em (20a), os que podem unir-se com *-mente* na formação de advérbios de modo, em virtude de somente esses verbos não serem construídos na passiva verbal (20b), terem sua construção passiva adjetival resultativa (20d) derivada diretamente da construção ergativa resultativa (20c), e portanto, tendo os seus participípios derivados diretamente do léxico.

Assim, somente o adjetivo resultativo psicológico pode se unir com *-mente* na formação de um advérbio de modo, pois os participípios adjetivais dos verbos de mudança de estados psicológicos, diferentemente dos participípios verbais dos verbos de estados psicológicos, não possuem os papéis temáticos de argumentos externos, podendo referir-se a qualquer sujeito em qualquer sentença. Observemos esse fato em (21):

(20) a. A notícia/João *aborreceu, angustiou, apavorou, chateou, comoveu, deprimiu, desesperou, desolou, emocionou, entediou, frustrou, preocupou* Maria.

b. * Maria foi *aborrecida, angustiada, apavorada, chateada, comovida, deprimida, desanimada, desesperada, desolada, emocionada, entediada, frustrada, preocupada* pela notícia/por João.

c. Maria *se aborreceu, angustiou, apavorou, chateou, comoveu, deprimiu, desesperou, desolou, emocionou, entediou, frustrou, , preocupou*.

d. Maria ficou *aborrecida, angustiada, apavorada, chateada, comovida, deprimida, desolada, emocionada, entediada, frustrada, preocupada*.

(21) As crianças assistiam à aula *entediadamente, emocionadamente, comovidamente, etc.*

Analisando agora os verbos de estados psicológicos como *amar/respeitar* em (22a), vemos que o fato de esses verbos somente poderem ser construídos na passiva verbal em (22b) não permite que seus particípios psicológicos façam a junção com *-mente* na formação de advérbio de modo.

Os particípios psicológicos, por possuírem elipticamente o papel temático do argumento externo da base verbal, referem-se somente à experiência vivenciada por esse argumento externo e não a qualquer outro argumento externo. Observemos a impossibilidade de esses particípios se unirem com *-mente* na formação de um advérbio de modo em (23):

(22) a. João *abomina, adora, almeja, ama, ambiciona, aprecia, atura, cobiça, teme, odeia, respeita* Maria.

b. Maria é *abominada, adorada, almejada, amada, ambicionada, apreciada, aturada, cobiçada, odiada, respeitada* por João.

c.*Maria fica *abominada, adorada, almejada, amada, ambicionada, apreciada, aturada, cobiçada, odiada, respeitada*.

(23)* Maria *respeitadamente* assistia à aula.

3.8 RESUMO DO CAPÍTULO

No presente capítulo, foram revistas, apenas para dar conta dos aspectos temporais internos aos verbos intrinsecamente psicológicos, as tipologias aspectuais dos verbos intrinsecamente psicológicos referindo-se às classes aspectuais de Vendler (1967) e aos eventos complexos de L&RH (2002), uma vez que este estudo não tem por objetivo discutir essas classes aspectuais profundamente.

A seguir, foram revistas as construções semântico-sintáticas dos verbos intrinsecamente psicológicos, objetivando mostrar detalhadamente por que somente os particípios de os verbos de mudança de estados psicológicos podem unir-se com *-mente* na formação de advérbios de modo.

Chegamos à conclusão que a diferença entre os participios psicológicos e os adjetivos resultativos psicológicos se dá em razão de estes serem realmente adjetivos por serem derivados diretamente do léxico, podendo ser usados em todos os ambientes sintáticos que o adjetivo “puro”, enquanto aqueles não.

Constatamos, assim, que a junção dos participios com *mente* se dá apenas com predicados stage-level, que possuem a duração temporal reversível, temporária, que são os adjetivos resultativos psicológicos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em conta que o objetivo deste trabalho incide sobre os verbos intrinsecamente psicológicos, assim como as propriedades que permitem aos participios de apenas uma determinada classe desses verbos se unir com *mente* na formação de advérbios de modo, desenvolvemos as análises desses predicados verbais nos capítulos primeiro e segundo. O nosso estudo permitiu, por um lado, definir as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos intrinsecamente psicológicos e, por outro lado, observar alguns verbos de comportamento variável.

O trabalho que aqui apresentamos sobre os verbos intrinsecamente psicológicos situa-se numa interface lingüística que abrange o léxico, a sintaxe e a semântica que implicou recorrer a ferramentas teóricas e fazer uma discussão lingüística visando articular dados importantes relativos a essas unidades lexicais. Assim, além de apresentarmos diversos estudos sobre os verbos psicológicos, no primeiro capítulo, apresentamos nossa discordância à proposta de Cançado (2000) quanto à classificação dos verbos psicológicos em quatro classes, por razões que se prendem com a variabilidade de significados que os verbos da Classe 3 e da Classe 4 de Cançado (2000) apresentam.

Essa discordância permitiu levar a cabo uma reflexão sobre vários aspectos importantes para a caracterização dos verbos intrinsecamente psicológicos. No primeiro capítulo, observamos as características semântico-sintáticas dos verbos de estados psicológicos, como *amar*, dos verbos de mudança de estados psicológicos, como *preocupar*,

dos verbos causativos diretos não psicológicos, como *quebrar* e dos verbos agentivos, como *construir*, caracterizando as propriedades sintáticas desses verbos e visando apresentar a estrutura sintática prototípica dos verbos intrinsecamente psicológicos. Essas análises permitiram identificar o protótipo dos verbos intrinsecamente psicológicos, além de isolar diversos verbos de comportamentos variáveis. A nossa investigação baseou-se na análise semântico-sintática dos verbos de estados psicológicos, caracterizando-os como pertencente à classe aspectual estado. Já os verbos de mudança de estados psicológicos foram considerados verbos de eventos complexos, noção estabelecida por L&RH (2002), verbos esses considerados intrinsecamente psicológicos.

A sistematização do comportamento variável de alguns verbos contribuiu para uma melhor definição do que é um verbo de mudança de estado psicológico e do que é um verbo de estado psicológico.

No segundo capítulo deste trabalho, tratamos sobretudo das propriedades mais usuais da classe dos verbos intrinsecamente psicológicos, isto é, das propriedades partilhadas pelo maior número de membros dessa classe verbal. Nesse capítulo, foram acrescentadas algumas análises mais aprofundadas das divergências sintáticas, semânticas e aspectuais desses verbos. Analisamos, ainda, as propriedades durativas temporais das experiências psicológicas dos verbos de estados psicológicos e dos verbos de mudanças de estados psicológicos que podem ser: permanente ou transitória. Essas propriedades são também atribuídas aos participios de acordo com os verbos que os geraram.

O estudo aspectual dos verbos de mudança de estados psicológicos levou-nos a questionar as categorias propostas para essa classe de verbos na literatura e a evidenciar as razões da existência de propostas muito variadas, que tanto classificam esses predicados como *accomplishments* ou como *achievements*. Um estudo mais detalhado mostrou que os verbos de mudança de estados psicológicos se aproximam das duas categorias relativamente a determinadas propriedades, sem nunca se identificar com nenhuma das duas nem com nenhuma das outras categorias aspectuais das tipologias conhecidas, constituindo, na verdade, uma classe individual, o que fortalece a noção *eventos complexos*. Deixamos aqui um questionamento para futuros estudos: seriam os eventos complexos uma classe aspectual a ser acrescentada na classificação vendleriana?

Um resultado relevante do estudo desenvolvido aqui foi a explicitação da natureza do conceito de Experienciador e da propriedade *controle* sobre as emoções, sentimentos, estudo desenvolvido no segundo capítulo. A partir do conceito de Experienciador estabeleceu-se uma profunda relação entre a emoção, ou sentimento, que interage diretamente com a as

causas internas do Experienciador. A partir de nossas análises, constatamos não haver a propriedade *controle* da experiência psicológica tanto nos verbos de estados psicológicos como nos verbos de mudança de estados psicológicos, pelo fato de as emoções psicológicas não pertencerem à racionalidade e, por conseguinte, não estarem sujeitas ao nosso domínio.

Também apresentamos as motivações das construções ergativas com o falso pronome reflexivo *se* e das construções ergativas sem o falso pronome reflexivo *se*, tanto nos verbos de mudanças de estado como nos verbos de mudança de estados psicológicos.

No capítulo 3, explicitamos a razão de apenas os verbos de mudança de estados psicológicos, os eventos complexos, a partir de suas construções ergativas, possibilitarem a formação das passivas adjetivais resultativas e, conseqüentemente, a geração dos adjetivos resultativos psicológicos que se unem com *-mente* na formação de advérbios de modo.

Fazendo uma síntese de todo o trabalho, podemos dizer que os verbos de mudança de estados psicológicos, também denominados de eventos complexos, caracterizam-se aspectualmente pela existência de um argumento *causa* (o que leva alguns autores a defini-los como *accomplishments*). No entanto, há distinções entre os eventos complexos e os *accomplishments*, pelo fato de, naqueles, a mudança poder ser simultânea ou imediatamente posterior ao processo causador. Diferem também pela natureza temporária do estado resultativo.

Segundo L&RH (2002), os chamados eventos complexos, dependendo da informação enfocada, podem ser apresentados em construções verbais diferentes. A representação claramente distinta de seus subeventos, que se encontram co-identificados com o evento, é a verdadeira estrutura de evento complexo.

Assim, a partir de sua construção ergativa resultativa, o verbo de mudança de estado psicológico, o evento complexo, possibilita a geração da passiva adjetival resultativa e, conseqüentemente, a geração do adjetivo resultativo psicológico que se une com *-mente* na formação de advérbios de modo.

Vimos que a razão de ser dada a condição de adjetivo ao adjetivo resultativo psicológico é o fato de ele ser gerado a partir de uma construção ergativa. O adjetivo resultativo psicológico, por ser derivado do léxico verbal e não de um verbo apassivado na sintaxe, possui todas as características de um adjetivo “puro”, ocorrendo nos mesmos ambientes sintáticos em que esses adjetivos “puros” ocorrem. O que nos leva a concluir que *-mente* só se une com adjetivos nessa formação.

Já os verbos de estados psicológicos, por serem da classe aspectual estado e conseqüentemente possuírem seus argumentos sem alteração durante o evento verbal, só são construídos na passiva verbal e, portanto, o seu particípio, como todo outro particípio, de qualquer outro verbo, construído na passiva verbal, possui o papel theta de seu argumento externo, fato que o impossibilita de fazer a junção com *–mente* na formação de advérbio de modo.

O estudo que fizemos contribuirá, esperamos, para um melhor conhecimento de uma área específica do léxico da língua portuguesa, constituída pelos verbos intrinsecamente psicológicos, assim como um melhor conhecimento da formação de advérbios de modo em *–mente* construídos com os adjetivos resultativos psicológicos.

Pensando agora um pouco no desdobramento deste trabalho, há uma relação próxima entre as várias dimensões humanas abrangidas pelo papel semântico Experienciador. Acreditamos que uma análise comparativa dos verbos psicológicos com verbos de sensação permitiria uma abordagem mais apurada dos verbos intrinsecamente psicológicos. Por exemplo, o verbo *assustar* possui tanto a leitura de uma reação de susto, um sobressalto, em (1), que é identificada com uma construção sintática de verbo causativo direto não psicológico, como a leitura de mudança de estado psicológica, em (2), com a sua respectiva construção sintática.

- (1) a. O ruído estridente assustou Maria.
 b. Maria foi assustada pelo ruído estridente.
 c. Maria ficou assustada com o ruído estridente.
 d. Maria se assustou.
- (2) a. As falcatruas do governo assustaram Maria.
 b.* Maria foi assustada pelas falcatruas do governo.
 c. Maria ficou assustada com as falcatruas do governo.
 d. Maria se assustou.

Pelo fato de haver o adjetivo resultativo psicológico *assustada* em (2c), há a possibilidade de haver o advérbio *assustadamente* em (3):

- (3) Maria olhava *assustadamente* para o pai.

O verbo *admirar* é um verbo psicológico que possui um comportamento também peculiar, uma vez que pode ser entendido como verbo de estado psicológico, em (4), como também pode ser entendido como verbo de mudança de estado psicológico em (5):

- (4) a. João admira a leitura de Maria.
- b. A leitura de Maria é admirada por João.
- c. *A leitura de Maria ficou admirada com João.
- d. *A leitura de Maria admirou-se.

O verbo *admirar* entendido como verbo de mudança de estado psicológico, em (5), não possui o subevento causativo direto, somente o subevento causativo indireto.

- (5) a. As esculturas fizeram Maria se admirar.
- b. * Maria foi admirada pelas esculturas.
- c. Maria ficou admirada com as esculturas.
- d. Maria se admirou.

Somente é possível retratar o evento em (4) com o adjetivo *admirável* + *-mente* em (6). Somente é possível retratar o evento em (5) com o adjetivo resultativo psicológico *admirada* + *-mente* em (7):

(6) Maria leu admiravelmente os poemas.

(7) Maria olhava admiradamente as esculturas.

É possível observar que, diferentemente de todos os verbos intrinsecamente psicológicos, o verbo *admirar*, quando verbo de estado psicológico, em (4), ao ter o advérbio de modo composto pela junção do seu adjetivo correspondente com *-mente*, em (6), não possui a leitura voltada para o sujeito. Somente o advérbio de modo composto pela junção do adjetivo resultativo psicológico com *-mente*, em (7), possui essa leitura, ou seja, em (6), o que é admirável é somente a leitura de Maria; em (7), o *admiradamente*, além de descrever a forma de olhar, informa que essa é uma propriedade de Maria naquele instante.

A partir da rápida análise feita sobre os verbos agentivos e os verbos causativos diretos não psicológicos na seção 3.5, podemos sugerir que a formação do advérbio de modo em *–mente* não se une a participípios que possuem a característica temporal permanente, acabada, que é refletida nos participípios das construções passivas adjetivais derivadas da passiva verbal. Isso significa que *–mente* só se une a adjetivos, o que é o caso dos adjetivos resultativos psicológicos. Podemos constatar esse fato com os verbos agentivos, em (8), e com os verbos causativos diretos não psicológicos em (9) e com os verbos de mudança de estados psicológicos em (10):

- (8) a. João construiu a casa.
 b. A casa foi construída.
 c. A casa ficou construída.
 d. * A casa ficou construída duas vezes esta semana.
 e. *construídamente
- (9) a. O furacão destruiu a cidade.
 b. A cidade foi destruída.
 c. A cidade ficou destruída.
 d. *A cidade ficou destruída duas vezes esta semana.
 e. *destruídamente
- (10) a. Maria se entristeceu.
 b. Maria ficou entristecida.
 c. Maria ficou entristecida duas vezes esta semana.
 d. Maria falava entristecidamente sobre o término do seu namoro.

Também observamos que os advérbios em *–mente*, tanto os que se referem aos verbos de estados psicológicos, formados a partir dos adjetivos correspondentes, quanto aos que se referem aos verbos de mudança de estados psicológicos, formados a partir dos adjetivos resultativos psicológicos, exceto o verbo *admirar*, são orientados para o sujeito, isto é, não se pode “falar *amorosamente*” se o sujeito desse evento não for amoroso, assim como não se pode “correr *desesperadamente*” se o sujeito desse evento não estiver desesperado.

Essa exceção pode ser explicada pelo fato de o verbo intrinsecamente psicológico *admirar* possuir as possibilidades de ser um verbo de estado psicológico e de ser um verbo de

mudança de estado psicológico. O fato de somente a formação adverbial composta com o adjetivo resultativo psicológico + *-mente* possuir a leitura de modo orientada para o sujeito, leva-nos a acreditar que todas as construções adverbiais com essa formação terão a mesma leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXIADOU A., ANAGNOSTOPOULOU E. Voice morphology in the causative-inchoative alternation: evidence for a non unified structural analysis of unaccusativity puzzle. Oxford University Press, 114 – 136, 2004

BACH E. The algebra of events. *Linguistics and Philosophy*, 9: 5-19, 1986.

BAKER, M. Morphology and Syntax: an Interlocking Independence. *Morphology and Modularity*. Martin Everaert, et al. (ed.). Dordrecht: Foris: 9-32, 1988.

BAKER, M. Passive Arguments Raised. *Linguistic Inquiry* 20: 219-252, 1989.

BELLETTI, A., RIZZI, L. Psych-Verbs and ϕ -theory. *Natural Language and Linguistic Theory* 3:291-352, 1988.

BRESNAN, J. The Passive in Lexical Theory. *The Mental Representation of Grammatical Relations*. Joan Bresnan (ed.), 3-86, MIT Press, Cambridge, Ma., 1982.

CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: a relevância dos papéis temáticos visto sob a ótica de uma semântica representacional*. 1995. 230 f. Tese (Doutorado em Ciências) IEL - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.

_____ A semântica em uma teoria gramatical. *Revista de Estudos Linguagem*. Belo Horizonte, v. 2, n. 5, p. 82-102, 2000a.

CARLSON, G. N. Reference to kinds in English, University of Massachussets: Tesis Doctoral, 1977.

CARMEN DOBROVIC-SORIN. "Syntactic Configurations and Reference:SE/SI in Romance", in *Grammatical Theory and Romance Languages*, éd. par Karen Zagona, John Benjamins. 1996

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

_____ *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. Nueva York: Praeger, 1986.

DOWTY, D. *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1979.

_____ Thematic proto-roles and argument selection. *Language* 67:547-619, 1991.

ERNST, T. *The syntax of adjuncts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

FREIDIN, R. The analysis of Passives. *Language*, vol. 51. 384-405, 1975.

GRIMSHAW, J. *Argument Structure*. Cambridge: The MIT Press, 1990.

KRATZER, A. Building Statives. University of Massachusetts at Amherst Berkeley Linguistic Society 26, February, 2000.

<http://semanticsarchive.net/archive/gi5mmiom/kratzer.building.statives.pdf>

LARSON R. K. On the Double Object Construction, *Linguistic Inquiry* 19, 335-391, 1988.

LEVIN, B., RAPPAPORT, H. Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface. Vol.26: *Linguistic Inquiry Monograph*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

_____ Two Structures for Compositionally Derived Events, *Proceedings of SALT 9*, Cornell Linguistics Circle Publications, Cornell University, Ithaca, NY, 199-223, 1999.

____ The Semantic Determinants of Argument Expression: A View from the English Resultative Construction. J.Guéron and J.Lecarne, eds: *The Syntaxe of Time*. Cambridge: The MIT Press, 2002.

MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

MCKOON, G. & MACFARLAND, T. Externally and Internally caused Change of States Verbs. *Language*, 76, 833-858, 2000.

PARSONS, T. Events in the Semantics of English. A Study in Subatomic Semantics. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1990.

RAPPAPORT H., LEVIN B. Two Types of Compositionally Derived Events unpublished ms., Bar Ilan University and Northwestern University, Ramat Gan, Israel and Evanston, IL., 1999.

<http://www-csli.stanford.edu/~beth/pubs.html>

RAPPAPORT H., LEVIN B. Deconstructing Thematic Hierarchies, unpublished ms., The Hebrew University of Jerusalém and Stanford University, Jerusalém, Israel and Stanford, CA, 2004.

SIEGEL, D. Nonsources of Unpassives. *Syntax and Semantics*, vol. 2, John Limball (ed.). New York: Academic Press. 301-317, 1973.

TENNY, C. *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Vol. 52: Studies en Linguistics and Philosophy. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1994.

TENNY, C., PUSTEJOVSKY *Events as Grammatical Objects*. Leland Stanford Junior University. Center for the Study of Language and Information. CSLI Publications, 2000.

VAN VOORST, J. The aspectual semantics os pshychological verbs. *Linguistics and Philosophy* 15:65-92, 1992.

VARELA, S. Verbal and adjectival participles in Spanish. *Theoretical Analyses in Romance Linguistics: Current Issues in Linguistic Theory*. Christiane Laeufer & Terrell A. Morgan (ed.), CILT 74. Amsterdam: Benjamins XIII. 219-234, 1992.

WASOW, T. Transformations and the Lexicon. *Formal Syntax*. Peter Culicover, et al. (ed.). New York: Academic Press. 327-360, 1977.